



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Geografia

José Filipe Marques Camara

O estado/província de São Paulo em livros didáticos de Geografia latino-americanos do século XIX

Orientador: Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto

São Paulo/SP
2025

José Filipe Marques Camara

O estado/província de São Paulo em livros didáticos de Geografia latino-americanos do século XIX

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Geografia, sob orientação do professor Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto.

Área de concentração: Geografia Humana.

São Paulo/SP
2025

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar ao meu pai, maior incentivador, financiador e até idealizador da minha graduação na USP, sem ele certamente não estaria na universidade. Agradeço também a minha mãe e minha companheira Alice, que estiveram do meu lado ao longo da realização do trabalho, tanto nos momentos bons como nos difíceis.

Agradeço imensamente a minha orientadora Dadá (formalmente referida ao longo do texto como Maria Adailza Martins de Albuquerque) que é minha referência e com certeza o grande motivo de estar fazendo pesquisa na área de História da Geografia Escolar. A viagem de Dadá pela América Latina e o seu trabalho de pós-doutorado na USP serviram como base para a realização desta pesquisa, de tal forma que o tema escolhido foi uma sugestão da mesma. Dadá foi essencial para eu dar meus primeiros passos na área, ter contato com os principais autores e aportes teóricos, além de dar apoio, orientação e motivação para a realização desta pesquisa. Obrigado pelas conversas, pelas oportunidades, pelo carinho e, principalmente, pelo seu tempo Dadá.

Agradeço também meu professor e orientador Manoel, que possibilitou a realização deste trabalho, e ao qual sou grato pela atenção e paciência.

Agradeço ainda a todos os docentes com os quais tive contato ao longo da graduação, especialmente os professores Giroto, Élvio e Ricardo, pois foram essenciais para que eu pudesse compreender um pouco mais sobre o mundo à minha volta.

Também agradeço meus colegas e amigos de graduação, especialmente Alexandre, Guilherme e Heitor, que por diversas vezes me ajudaram e foram companhia nessa jornada que traçamos juntos.

Palavras-Chave

Geografia escolar; livros didáticos; história das disciplinas escolares; história de São Paulo; história latino-americana.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar os conteúdos acerca do estado/província de São Paulo e do Brasil presentes em livros didáticos de Geografia latino-americanos do século XIX. Nossa pesquisa dá continuidade ao trabalho da Profa. Dra. Maria Adailza Martins de Albuquerque (UFPB) em seu pós-doutorado (2023-2024), onde a mesma realizou um levantamento sistemático de livros didáticos de Geografia latino-americanos do século XIX a partir de visitas às principais instituições de guarda da América Latina. Nossa pesquisa se baseia na concepção teórico-metodológica de André Chervel (1990) de que a disciplina escolar teve e tem finalidades, por vezes contraditórias, designadas por um complexo sistema de ideais e interesses próprios a diferentes atores da sociedade, em determinado espaço e tempo. O livro didático enquanto materialização sócio-histórica da disciplina escolar Geografia é um discurso que participa da conformação de um sentido e uma cultura escolar, e sua análise contribui na compreensão do papel da Geografia escolar nas sociedades. Dessa forma, investigamos e discutimos ao longo do trabalho a perspectiva dos livros didáticos latino-americanos quanto ao papel de São Paulo no cenário brasileiro do século XIX, à ascensão política e econômica através do café, além das narrativas históricas sobre os bandeirantes e a formação de São Paulo. Analisamos e comparamos ainda as narrativas sobre Brasil presentes nas edições destinadas aos diferentes países estudados, debatendo suas motivações políticas, sociais, culturais e econômicas. Almejamos com a pesquisa contribuir na compreensão do sentido que o ensino de Geografia teve no passado e suas repercussões e formas na contemporaneidade, além de fomentar a pesquisa científica no campo da História da Geografia Escolar latino-americana.

Key-Words

School geography; textbooks; history of school subjects; history of São Paulo; Latin American history.

Abstract

This work aims to analyze the content about the state/province of São Paulo and Brazil present in 19th-century Latin American geography textbooks. Our research builds on the work of Professor Maria Adailza Martins de Albuquerque (UFPB) during her postdoctoral research (2023-2024), where she conducted a systematic survey of 19th-century Latin American geography textbooks through visits to the main educational institutions in Latin America. Our research is based on André Chervel's (1990) theoretical-methodological conception that the school subject had and continues to have purposes, sometimes contradictory, designated by a complex system of ideals and interests specific to different societal actors, in a given space and time. The textbook, as a socio-historical materialization of the school subject of geography, is a discourse that participates in the formation of a school's meaning and culture, and its analysis contributes to understanding the role of school geography in societies. Thus, throughout this work, we investigate and discuss the perspective of Latin American textbooks on the role of São Paulo in the 19th-century Brazilian landscape, its political and economic rise through the coffee industry, and the historical narratives about the bandeirantes and the formation of São Paulo. We also analyze and compare the narratives about Brazil present in editions for the different countries studied, discussing their political, social, cultural, and economic motivations. Our research aims to contribute to the understanding of the meaning of geography teaching in the past and its repercussions and forms in the contemporary world, as well as to foster scientific research in the field of the history of Latin American school geography.

Lista de ilustrações

Figura 01: Conteúdo da capa do livro “Manual de Jeografía”, de 1864, de autoria de José Santos Tornero.

Figura 02: Recorte da página 64 do livro “Catecismo de Geografía”, de 1827, de autoria de Rudolph Ackermann.

Figura 03: Recorte da página 96 do livro “Nueva Geografía Metódica”, de 1861, de autoria de José Saturnino Garza.

Figura 04: Conteúdo da capa do livro “Lecciones de Jeografía Moderna”, de 1846, de autoria de José Victorino Lastarria.

Figura 05: Recorte da página 109 do livro “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, de 1888, de autoria de Francisco Vázquez Córes.

Figura 06: Conteúdo da página 195 do livro “Lecciones de Geografía astronómica, física y política”, de 1826, sem autoria.

Figura 07: Recorte da página 241 do livro “Breves Tratados de Esfera y Geografía Universal”, de 1817, de autoria de Juan Cayetano Losada.

Figura 08: Conteúdo da página 92 do livro “Curso Elemental de Geografía”, de 1884, por Justo P. Parrilla

Figura 09: Recorte da página 43 do livro “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, de 1888, de autoria de Francisco Vázquez Córes.

Figura 10: Recorte da página 115 do livro “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, de 1888, de autoria de Francisco Vázquez Córes

Figura 11: Recorte da página 188 do livro “Manual de Jeografía”, de 1890, de autoria de José Santos Tornero

Figura 12: Recorte da página 229 do livro “Geografía Universal de la república”, de 1885, de autoria de José A. Fontela

Figura 13: Recorte das páginas 231 e 232 do livro “Geografía Universal de la república”, de 1885, de autoria de José A. Fontela

Figura 14: Recorte da página 80 do livro “Elementos de Geografía Universal”, de 1863, de autoria de Rafael Sixto Casado

Figura 15: Recorte da página 283 do livro “Curso Elemental de Geografía Universal”, de 1876, de autoria de Antonio García y Cubas

Figura 16: Conteúdo da página 66 do livro “Catecismo de Geografía”, de 1827, de autoria de Rudolph Ackermann

Figura 17: Conteúdo da página 26 do livro “Catecismo Geográfico – Politico é Histórico de la Republica del Uruguay”, de 1850, de autoria de D. Juan Manuel de La Sota

Figura 18: Capa do livro “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, de 1888, de autoria de Francisco Vázquez Córes

Figura 19: Recorte da página 110 do livro “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, de 1888, de autoria de Francisco Vázquez Córes

Figura 20: Conteúdo da página 257 do livro “Elementos de Geografía Física y Política”, de 1877, de autoria de Alfredo Cosson

Figura 21: Recorte das páginas 141 e 142 do livro “Manual de Jeografía”, de 1864, de autoria de José Santos Tornero

Figura 22: Recorte das páginas 228 e 229 do livro “Geografía Universal de la república”, de 1885, de autoria de José A. Fontela

Figura 23: Conteúdo da página 105 do livro “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, de 1888, de autoria de Francisco Vázquez Córes

Figura 24: Recorte da página 75 do livro “Curso Elemental de Geografía”, de 1884, de autoria de Justo P. Parrilla

Figura 25: Recorte da página 41 do livro “Nociones de geografía”, de 1879, de autoria de Manuel Cervantes Imaz

Lista de quadros

Quadro 01: Relação dos livros didáticos latino-americanos de Geografia do século XIX encontrados e analisados.

Quadro 02: Relevância de São Paulo entre as principais cidades brasileiras nos livros didáticos latino-americanos.

Sumário

1. Introdução.....	9
1.1 O contexto do trabalho.....	9
1.2 Objetivos.....	11
1.3 A estrutura do trabalho.....	11
2. Fundamentação teórico-metodológica.....	13
3. Procedimentos de pesquisa e forma de análise dos resultados.....	16
4. Caracterização das obras analisadas.....	20
4.1 Autores, conteúdos e contexto sócio-histórico.....	25
4.2 Estrutura.....	26
4.3 Fontes e circulação de informações.....	27
5. São Paulo nos livros didáticos latino-americanos.....	37
5.1 Evolução dos conteúdos sobre o estado/província de São Paulo: indícios da ascensão paulista no cenário político e econômico nacional com o café e o porto de Santos.....	40
5.2 Outras atribuições dadas ao estado/província de São Paulo.....	48
5.3 Os bandeirantes paulistas nas narrativas históricas dos vizinhos latino-americanos...	52
5.4 O caso da obra “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países” de Francisco Vázquez Córes.....	61
6. Análise comparativa entre as narrativas sobre Brasil presentes nas edições destinadas a cada país.....	65
6.1 Edições destinadas à Argentina.....	66
6.2 Edições destinadas ao Chile.....	68
6.3 Edições destinadas ao Uruguai.....	70
6.4 Edições destinadas ao México e Cuba.....	74
7. Conclusão.....	77
Referências bibliográficas.....	79

1. Introdução

1.1 O contexto do trabalho

Nos últimos anos, observa-se um notável crescimento nos estudos acerca da História da Geografia Escolar no Brasil, sendo este aumento impulsionado pelo dedicado esforço de diversos pesquisadores emergentes nesse campo, especialmente ao longo da última década. O resultado desses esforços tem conferido força ao debate e promovido a expansão das temáticas e fontes pesquisadas.

A professora Dra. Maria Adailza Martins de Albuquerque (UFPB) é uma das responsáveis pela expansão desse debate no Brasil, e se configura como uma das principais referências do assunto no país. Ela desenvolveu recentemente em seu pós-doutorado realizado na Universidade de São Paulo – USP (2023 – 2024) um trabalho em que analisa as narrativas sobre o Brasil difundidas nas diversas edições, traduções e adaptações do livro didático francês “Geographie de L’Abbe Gaultier” (1788). Este foi um dos primeiros e mais importantes e inovadores livros didáticos de Geografia, e foi traduzido para o português e para o castelhano, em diversas edições publicadas no século XIX, com circulação na América Latina.

Na busca pelas fontes necessárias à realização de seu pós-doutorado, mas também a fim de organizar um acervo digital disponível a pesquisadores da área, a professora realizou um levantamento sistemático de livros didáticos de Geografia pelas bibliotecas de países da América Latina. Ela nos disponibilizou gentilmente este acervo e, por conta disso, tivemos acesso a uma boa variedade de livros provenientes de bibliotecas de Argentina, Uruguai, Chile, México e Cuba, o que viabilizou e motivou a execução do presente trabalho.

Desta forma, dando continuidade ao trabalho de Maria Adailza Martins de Albuquerque ampliamos a lupa deste universo investigativo buscando compreender as narrativas específicas sobre o estado/província¹ de São Paulo nos livros didáticos de Geografia encontrados no referido levantamento.

As perguntas que guiaram este trabalho oferecem uma perspectiva única em relação à História da Geografia Escolar brasileira. O foco foi entender como São Paulo era retratado e disseminado pelos vizinhos latino-americanos, e que importância se dava a este estado/província visto que no começo do século XIX não tinha todo o destaque econômico

¹ O termo “estado/província” será utilizado no presente projeto pois na maior parte do século XIX São Paulo era uma província, vindo a ser denominado estado apenas após a Proclamação da República em 1889.

que começa a alcançar no fim desse mesmo século, neste sentido foi possível ainda analisar as mudanças nas narrativas à medida que São Paulo vai ganhando importância (econômica, social e cultural) no contexto nacional.

Para isso, foi analisada a abordagem e os conteúdos relacionados a São Paulo nos livros, as referências, narrativas e fontes utilizadas pelos autores, e as mudanças ao longo do século XIX. Vale ressaltar que este período é de grande importância para a formação socioespacial do Brasil e de São Paulo, com o crescimento da economia cafeeira, e os primeiros passos do processo histórico de desenvolvimento econômico e posterior industrialização na província/estado, além da formação da identidade brasileira e paulista.

Durante esse período histórico, pautas como escravidão, trabalho livre, propriedade privada da terra, constituição territorial do país (Moraes, 1991; 2000), debates raciológicos (Barros, 2022) eram proeminentes, e acompanhavam o desenvolvimento e a consolidação do sistema capitalista na América Latina. A disciplina escolar Geografia vai certamente assumir um papel neste contexto (Cabral, 2022; Barros, 2022). Desta forma, a pesquisa também buscou compreender como se abordavam tais assuntos, considerando os diferentes posicionamentos políticos e sociais da época, além das relações internacionais entre o Brasil e os diferentes países da América Latina e a influência destas na escrita desses livros. Como afirma Magalhães (1999, p. 280-281) “A história do livro e do manual escolar é também a história de grupos e de meios socio-culturais, porventura os mais significativos e conhecidos, nos planos social e de poder, no que se refere aos domínios do público e do privado”. Neste caso, falamos de embates entre as elites monarquistas, republicanas, conservadoras e liberais que davam figura à formação socioespacial de São Paulo, do Brasil e da América Latina. Analisamos a partir das narrativas presentes em livros didáticos como eles se relacionam com estes temas, identificando os possíveis conflitos de ideias e interesses.

Dentro desse contexto, proporcionamos uma análise sobre o papel dos livros didáticos nas finalidades da Geografia Escolar latino-americana daquele contexto histórico, ou seja, de que forma os livros didáticos estudados contribuíram para que a disciplina escolar Geografia cumprisse a sua finalidade (Chervel, 1990; Goodson, 1990). Ao mesmo passo, conhecemos a perspectiva e as diferentes visões de mundo proclamadas pelos nossos vizinhos latino-americanos na época, o que eles estudavam sobre nós nos manuais escolares que circulavam no século XIX. Esses questionamentos e objetivos fundamentais guiaram a pesquisa ao longo de um ano de análise e estudo.

1.2 Objetivos

Este trabalho tem como objetivo geral analisar os conteúdos acerca do estado/província de São Paulo presentes em livros didáticos de Geografia latino-americanos do século XIX. Este objetivo foi definido visando compreender as especificidades da abordagem acerca de São Paulo pelo olhar do outro, por conta disso, a produção didática brasileira foi desconsiderada. Como já citado, esse objetivo está fundamentado na concepção central das finalidades das disciplinas escolares, conforme abordado por Chervel (1990), e na compreensão do papel desempenhado pelos livros didáticos nesse processo.

Para delimitar a investigação, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar a evolução histórica dos conteúdos, pontuando se houve a repetição de determinados trechos de texto, dados e narrativas nas diferentes edições, autores e países, a fim de delimitar semelhanças e especificidades.
- Analisar a evolução histórica dos conteúdos, as permanências e rupturas, considerando a relação entre o contexto histórico da data de publicação do livro e a maneira como os conteúdos sobre o estado/província de São Paulo são tratados.
- Analisar as discursivas e retóricas convenientes ou divergentes com determinadas narrativas de Brasil e de São Paulo, discutindo a relação com o contexto socioespacial e político do período.
- Compreender a finalidade da disciplina escolar Geografia no recorte espaço-temporal proposto, considerando os interesses desde a escala local até continental para que esta se estabeleça.

1.3 A estrutura do trabalho

Este trabalho é composto de sete itens. O presente item 1 (Introdução) é destinado a contextualizar o trabalho, definir seus objetivos, e apresentar sua estrutura.

No item 2 expomos a fundamentação teórico-metodológica da nossa pesquisa, apresentando as bases teóricas e os principais autores, principalmente da História da Geografia Escolar, que serviram como aporte à nossa análise.

No item 3 explicitamos os procedimentos metodológicos e técnicos da nossa pesquisa, detalhando o processo de construção do acervo estudado, a seleção dos conteúdos nas obras e a metodologia de análise.

No item 4 apresentamos a caracterização de todas as obras analisadas, inicialmente a partir do Quadro 01 que lista título, local, ano, autor, entre outras informações de cada edição. Ademais, aprofundamos neste item o contexto sócio-histórico dos livros didáticos, com características gerais e fontes utilizadas na época de suas publicações, além de apresentar a estruturação e o tipo de conteúdo que a maioria das obras apresenta.

O item 5 é onde é feita a análise pormenorizada dos conteúdos sobre o estado/província de São Paulo presentes nas obras analisadas, apontando características gerais e especificidades, além de analisar o papel dado a São Paulo e aos paulistas no contexto brasileiro, e sua evolução ao longo do período analisado.

O item 6 é destinado a comparar como os diferentes países latino-americanos estudados representam o Brasil e São Paulo nas obras analisadas, constatando semelhanças, diferenças e padrões narrativos entre os países, e discutindo os contextos sociais, culturais e políticos locais que podem ter condicionado essas narrativas.

Os itens 4, 5 e 6, são munidos de figuras que apresentam digitalizações e fotografias de páginas ou trechos das obras, facilitando a compreensão do texto, e expondo elementos essenciais para a nossa análise, tendo em vista ainda que o acervo que analisamos não pode ser facilmente acessado pelo leitor.

Por fim, no item 7, apresentamos as conclusões construídas a partir das análises realizadas ao longo do desenvolvimento do trabalho, dialogando com aporte teórico proposto.

2. Fundamentação teórico-metodológica

Nos últimos dois anos, na Universidade de São Paulo – USP, durante a Iniciação Científica, orientada pela professora Maria Adailza Martins de Albuquerque nós temos estudado a História da Geografia Escolar e os livros didáticos de Geografia publicados entre o século XIX e início do XX, nas províncias/estados do Brasil. A nossa bolsa está vinculada ao projeto em rede denominado *Fontes para a História da Geografia Escolar: leis, livros didáticos, currículos e programas das províncias do Brasil* e coordenado por esta pesquisadora. O grupo é formado por pesquisadores das seguintes instituições: Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Universidade de São Paulo – USP e Universidade Federal Fluminense – UFF.

Neste ínterim, temos colaborado no projeto de construção e organização de um acervo documental de fontes sobre a História da Geografia Escolar no Brasil e na América Latina, e damos agora sequência ao trabalho que a professora fez em seu pós-doutorado de investigação do tratamento dado ao Brasil em livros didáticos latino-americanos.

Por conta disso e das leituras que fizemos ao longo desse período, no desenvolvimento do referido trabalho recorreremos principalmente à metodologia e ao aporte teórico desenvolvidos pelo trabalho de Albuquerque (2008, 2010, 2011, 2012, 2017), mas também a autores da História das Disciplinas Escolares e História cultural, além de outros que têm contribuído para a compreensão das relações que se dão na produção do conhecimento escolar.

O trabalho se apoia na concepção teórico-metodológica de André Chervel (1990) acerca das finalidades das disciplinas escolares e o papel que os livros didáticos cumprem neste processo sob a influência de um complexo sistema de valores e de interesses próprios de diversos atores da sociedade, levando em conta também a escola enquanto instituição e o papel desempenhado por ela na sociedade. Esta concepção nega e se opõe à concepção de Yves Chevallard (1991), que afirma que as disciplinas escolares são orientadas apenas pelos objetivos da noosfera, ou seja, o campo das ciências de referência. Segundo ele, as disciplinas funcionam apenas como uma transposição didática: uma simples vulgarização do saber acadêmico e científico.

Ao contrário de Chevallard (1991), entendemos que a disciplina escolar teve e tem finalidades diversas e por vezes conflituosas, que vão muito além da transposição de um conteúdo científico. (Chervel, 1990; Goodson, 1990; Bittencourt, 2004).

Neste sentido, o livro didático enquanto materialização sócio-histórica da Geografia escolar é um discurso que participa da conformação de um sentido e uma cultura escolar. Sua análise contribui para se pensar o papel da Geografia escolar na sociedade.

Durante a presente pesquisa o livro didático foi utilizado como fonte de pesquisa e objeto de estudo, seguindo uma abordagem metodológica já adotada por diversos autores na Geografia Escolar (Albuquerque, 2008, 2010, 2011, 2012; Angelo, 2014, 2022; Pereira, 2019; Cabral, 2022; Ferreira, 2017) e na História da Educação (Galvão; Batista, 2003).

A partir de Escolano (2001), entendemos os livros didáticos não só como fontes historiográficas, mas também como objetos frutos de uma construção cultural, resultada a partir de linhas teóricas e pedagógicas específicas, influenciadas e em grande parte determinadas por contextos espaço-temporais também específicos. Como afirma Chartier (1990) os livros didáticos são objetos culturais à medida em que participam da produção, circulação e apropriação da cultura mais ampla, e são uma, senão a principal porta de entrada na vida e na cultura (Magalhães, 1999, p. 285).

Por conta disso, o estudo dos livros didáticos sujeita a descobertas não apenas no âmbito da história escolar das disciplinas, mas também no contexto político, cultural, econômico e histórico, fomentando uma visão mais completa e crítica do período estudado, um momento de grande importância para a formação socioespacial e de identidade paulista, brasileira e latino-americana.

Apesar da difícil definição de livro didático devido à complexidade do objeto em questão, a partir de autores como Bittencourt (2008), Galvão e Batista (2003), Chartier (1990), Choppin (2004), Magalhães (2011), compreendemos o livro didático como qualquer produto escrito e impresso destinado ao uso escolar, incluindo compêndios, manuais, atlas, cartilhas, apostilas e livros de orientações para professores (Bittencourt, 2008). Também consideramos livros que, mesmo não originalmente destinados à escola, foram incorporados à sua literatura, como romances ou livros de leitura. Partimos do pressuposto de que os livros didáticos são documentos oficiais, pois foram utilizados em um determinado contexto oficializado pelo Estado, entretanto, admitimos que qualquer livro é uma representação cultural, seja ele institucionalizado ou não, e portanto passível de ser analisado e elaborado dentro de seu contexto e arranjo social.

Desta forma, neste trabalho, os livros didáticos, foram cerne de análise na perspectiva qualitativa da análise documental, sendo concebidos “como fontes de férteis descrições de como as pessoas que produziram os materiais pensam acerca do seu mundo” (Bogdan e Biklen, 1994, p.176).

Como afirmam Bogdan e Biklen (1994), durante a análise, os livros são considerados de uma maneira subjetiva pelos pesquisadores, maneira a qual representa dados que favorecem a compreensão de perspectivas definidas por pessoas que compreendem delimitado contexto. Considerando isso, de forma alguma os dados obtidos nos documentos podem ser considerados revelação de verdade estatística.

É importante também ressaltar que o livro didático é uma mercadoria, o que possui implicações específicas (Munakata, 2012), (Albuquerque, 2017), pois as dinâmicas do mercado editorial podem influenciar na seleção, organização e abordagens de conteúdo na produção deles.

Ademais, é fundamental compreender, como alerta Chartier (1996), que há um público-alvo estabelecido por quem produz o livro. No nosso caso, sabemos que os livros didáticos do século XIX eram destinados principalmente aos professores, isso acontecia pelo elevado preço, o difícil acesso, e a consequente raridade e valor de um livro na época, o que tornava difícil que cada aluno tivesse o seu próprio livro. Dessa forma, os professores eram encarregados de fazer a mediação entre a obra e o leitor secundário, o aluno, que realizava a leitura indiretamente na maioria dos casos. Assim, os autores de livros didáticos da época costumavam escrever o conteúdo pensando nos professores, destinando as notas de esclarecimento e a complexidade dos textos e elementos ao professor ou a alguém que cumprisse esse papel.

Considerando tudo isso, analisamos nos livros diversos aspectos, como materialidade, inovações tecnológicas, seleção, organização e abordagens de conteúdo, bem como as estratégias metodológicas escolhidas pelos autores.

3. Procedimentos de pesquisa e forma de análise dos resultados

No que diz respeito à metodologia, conduzimos uma análise de um acervo documental digital de livros didáticos de Geografia latino-americanos históricos do século XIX, que conta com 33 títulos, de 37 edições, escritas por 28 autores, publicadas entre 1817 e 1898 destinadas a 6 diferentes países: Argentina, Uruguai, Chile, Cuba, México e Guatemala. Este acervo foi o objeto deste trabalho.

Além dos livros didáticos enquanto fontes primárias, também realizamos um levantamento de artigos, teses e dissertações sobre a História da Geografia Escolar dos países estudados, a biografia dos autores dos livros, e a História de São Paulo e da América Latina. Esse levantamento nos deu indícios sobre o uso, a circulação, e as motivações por trás da produção dos livros, e permitiu ainda a introdução ao tema nos debates sobre o contexto histórico educacional, econômico e político desses países.

A construção do mencionado acervo foi proveniente do levantamento realizado pela Prof.^a Dr.^a Maria Adailza Martins de Albuquerque (UFPB) em seu pós-doutorado, quando a mesma viajou para Argentina, Uruguai, Chile, Cuba e México para consultar bibliotecas com acervos especializados em livros didáticos. Seria inviável financeiramente e temporalmente uma busca completa por todas as bibliotecas de todos os países da América Latina, por conta disso a professora realizou uma seleção daqueles países onde se encontram as bibliotecas com os principais acervos especializados em livros didáticos. Todas elas abrigam uma grande quantidade de documentos escolares relevantes desses países.

Foram visitadas, portanto, a Biblioteca Nacional do Chile e a Biblioteca Patrimonial do Museo Gabriela Mistral no Chile, a Biblioteca Nacional da Argentina Mariano Moreno e a Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros na Argentina, a Biblioteca Nacional do Uruguai no Uruguai, a Biblioteca Nacional do México no México, e a Biblioteca Nacional de Cuba José Martí em Cuba.

Quando disponíveis, as bibliotecas visitadas forneceram versões digitalizadas das obras, o que facilitou o processo, entretanto, na maioria das vezes, as obras ainda careciam de digitalização, e nestes casos o único acesso possível foi através do contato direto com obra física no momento da visita. Por questões de viabilidade logística, financeira e burocrática não foi possível realizar a digitalização das obras durante a viagem. Diante disso, a alternativa encontrada foi fotografar os livros durante as visitas, priorizando os trechos e elementos considerados chaves para a análise, visto que também era inviável fotografar todas

as páginas de todos os livros. Salientamos, portanto, que o acesso não foi integral a todas as obras.

O principal elemento considerado chave para a análise do livro foram o(s) capítulo(s) ou trecho(s) que tratam diretamente do Brasil. Daí foi possível encontrar os conteúdos acerca do estado/província de São Paulo presentes nos livros, que são o cerne da análise proposta como objetivo principal deste trabalho. Outro elemento considerado chave foi o índice ou sumário, onde é possível observar a organização dos conteúdos selecionados para a obra. A partir dele identificamos as diferenças na estrutura geral das publicações, tanto em termos de organização quanto de metodologia adotada nos livros publicados.

Também foram fotografados quando existentes elementos como capas, contracapas, lombadas, título da obra, mapas, desenhos, gravuras, prefácio, obras do mesmo autor, advertências, notas, avisos, palavras ao público ou ao leitor, introduções, prólogos, notas de jornais, orientações aos mestres, pareceres de aprovação, dedicatórias, protocolos de leitura, editoras e impressores, numeração, grafia, ortografia, notas de esclarecimentos, carimbos, anotações e marcas de leitura, grifos, nomes de escolas, datas de uso, assinaturas, dados pessoais dos usuários e objetos esquecidos nos livros. Detalhes frequentemente vistos apenas como técnicos ou desimportantes, mas que influenciam a leitura de um livro e podem ser essenciais na análise de uma obra. Essa abordagem foi importante para caracterização da obra e teve diferentes objetivos. Primeiro, familiarizar-se com cada volume em suas particularidades, identificar indicações de uso, adoção por escolas, venda e compra, metodologias adotadas por professores, entre outros aspectos. Segundo, compreender o desenvolvimento tecnológico empregado na publicação da obra, identificando inovações no uso de recursos didáticos. E terceiro, identificar as intenções do autor e do editor para a obra, a partir da estratégia de escrita utilizada, e dos recursos tipográficos escolhidos, como uso de negritos em determinadas palavras. Isto é importante para se ter uma interpretação adequada do livro.

Para análise mais assertiva das fontes, levamos em conta alguns procedimentos estabelecidos por Bacellar (2008) visando “cotejar informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências” (Bacellar, 2008, p.71).

O primeiro apontamento foi a contextualização da fonte, isto implica na reflexão sobre as condições em que determinado livro foi produzido, considerando quem produziu e sob quais propósitos. É importante salientar aqui que nenhum documento é neutro, todos estão engendrados aos pontos de vistas e ideologias do autor ou dos autores em determinado

espaço e tempo. Os livros didáticos devem ser interpretados criticamente, mas sob a ótica de sua época, levando em conta as tendências e contextos, e evitando considerações ou até julgamentos sob o olhar do presente.

Outro procedimento importante foi ater-nos aos significados das palavras e expressões, que podem variar de acordo com a época, como afirma Bacellar (2008, p.64), “as palavras podem trair o pesquisador descuidado”. Quanto a isso, é claro que o conhecer todas as mudanças de sentido das palavras que existiram ao longo do tempo não é uma tarefa obrigatória nossa, mas uma boa dose de desconfiança foi “o princípio básico a nos orientar nesses momentos, além de uma leitura muito atenta dos autores que já trabalham na mesma linha de pesquisa.” (Bacellar, 2008, p. 63). Como ressalta o autor, a pesquisa bibliográfica também ajuda nesta etapa de análise.

Bacellar (2008) aponta também a necessidade da discussão e identificação dos critérios adotados por quem produziu o livro, a partir do reconhecimento das fontes e tendências que motivaram o autor a produzi-lo, e o que estas significavam. Esta etapa é importante para a compreensão mais assertiva possível dos dados contidos nos documentos, e foi realizada a partir do levantamento e cruzamento de fontes, quando existentes e disponíveis.

É importante ainda considerar as particularidades de cada livro, para não correr o risco de levar os vieses como uma regra para o que acontecia em determinado tempo e espaço. Vale lembrar que os livros didáticos não foram elaborados para análise científica, e sim para atender a necessidade específica do momento. Por isso é nosso papel a avaliação das possibilidades da fonte documental, buscando “perceber a qualidade das informações que ela pode ou não nos fornecer” (Bacellar, 2008, p. 68).

Quanto a análise da evolução histórica dos conteúdos, devemos levar em conta que currículo educacional não é feito de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos socialmente válidos (Bolígian, 2010, p. 24), portanto, o que condiciona determinado conteúdo e não outro a fazer, ter feito ou deixar de fazer parte do currículo é uma lenta fabricação social, na qual estiveram presentes conflitos, rupturas e ambiguidades. (Silva, apud Goodson, 1995, p. 11). Dessa forma, os livros didáticos, enquanto mediadores desse currículo, estão em constante fluxo, porém não devemos cair na armadilha de que estão em constante aperfeiçoamento (Bolígian, 2010, p. 22).

Considerando todos estes procedimentos de análise, avançamos para uma leitura mais textual dos livros, seguindo para o(s) capítulo(s) ou trecho(s) que tratam diretamente do Brasil. Buscamos descobrir se o estado/província de São Paulo, ou alguma de suas cidades, é

mencionado e a partir de qual narrativa isto é feito, além de analisar os dados e informações disponíveis. Foi importante também analisar os destaques feitos acerca de outros/outras estado/província do Brasil e comparar com as abordagens sobre São Paulo, a fim de entender a relação ou hierarquia entre eles/elas. Ao fim desse trabalho com todos os livros, estabelecemos características e peculiaridades de cada obra em relação aos conteúdos sobre o estado/província de São Paulo e o Brasil, sistematizando os dados obtidos e identificando a evolução histórica dos conteúdos. Com os dados sistematizados, foi feita a produção deste relatório final para análise e compreensão dos resultados obtidos, articulando com os aportes teóricos previamente revisados durante a realização da pesquisa.

4. Caracterização das obras analisadas

Abaixo a Tabela 1 demonstra o ano de publicação, título, autor, edição, local, editora, e local de guarda de cada obra encontrada e analisada, divididas por país a qual a edição foi destinada. A última coluna “Acesso” especifica se o acesso foi feito através de uma versão digitalizada disponibilizada pela instituição de guarda, ou através das fotografias registradas no momento da visita a essas instituições, provenientes do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque. No caso das fotografias, o acesso ao conteúdo da obra não foi integral.

Quadro 01 - Relação dos livros didáticos latino-americanos de Geografia do século XIX encontrados e analisados

<i>Edições destinadas ao Chile</i>					
Ano	Autor/Título	Edição	Local/Editora	Local de guarda do livro	Acesso
1840	LASTARRIA, J. V. <i>Lecciones de Jeografia Moderna.</i>	2ª ed.	Santiago: Imprenta y Litografia de M. Rivadenvra – Imprensor del Estado	Biblioteca Nacional do Chile	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1846	LASTARRIA, J. V. <i>Lecciones de Jeografia Moderna.</i>	4ª ed.	Valparaiso: Libreria del Mercurio	Biblioteca Nacional do Chile	Versão completa digitalizada
1864	TORNERO, J. S. <i>Manual de Jeografia.</i>	3ª ed.	Valparaiso: Imprenta e Libreria del Mercurio de S Tornero e hijos	Biblioteca Nacional do Chile	Versão completa digitalizada
1884	TORNERO, J. S. <i>Manual de Jeografia.</i>	17ª ed.	Santiago: Librería del Mercurio	Biblioteca Patrimonial do Museo Gabriela Mistral (Chile)	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1890	TORNERO, J. S. <i>Manual de Jeografia.</i>	21ª ed.	Valparaiso: Libreria del Mercurio de Tornero Hermanos	Biblioteca Nacional do Chile	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
<i>Edições destinadas à Argentina</i>					

Ano	Autor/Título	Edição	Local/Editora	Local de guarda do livro	Acesso
1877	COSSON, A. <i>Elementos de Geografía Física y Política.</i>	S/ ed.	Buenos Aires: Libreria Rivadavia	Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros (Argentina)	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1877	SMITH, A. <i>Lecciones de Geografía para los niños y niñas de primeras letras ó sea Introduccion á los Elementos de Geografía.</i>	1ª ed.	Buenos Aires: Imprenta de Pablo E. Coni, Editor	Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros (Argentina)	Versão completa digitalizada
1885	SOLDAN, M. F. P. <i>Lecciones de Geografía para las Escuelas Comunes.</i>	S/ ed..	Buenos Aires: Felix Lajouane, Editor	Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros (Argentina)	Versão completa digitalizada
1887	COSSON, A. <i>Curso Gradual de Geografía Astronómica, Física, Política, Descriptiva é Histórica.</i>	9ª ed.	Buenos Aires: Libreria Rivadavia de G. Mendeský	Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros (Argentina)	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1887	COSSON, A. <i>Pequeña geografía para uso de las escuelas primarias.</i>	5ª ed.	Buenos Aires: Libreria Rivadavia de G. Mendeský	Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros (Argentina)	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1892	GUERRINI, F. <i>Nociones de Geografía.</i>	4ª ed.	Buenos Aires: Libreria del colegio	Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros (Argentina)	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1894	COSSON, A. <i>Curso Gradual de Geografía Astronómica, Física, Política,</i>	12ª ed..	Buenos Aires: Libreria Rivadavia de G. Mendeský	Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros (Argentina)	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque

	<i>Descriptiva é Histórica.</i>				
Edições destinadas ao Uruguai					
Ano	Autor/Título	Edição	Local/Editora	Local de guarda do livro	Acesso
1850	LA SOTA, D. J. M. de. <i>Catecismo Geográfico – Politico é Histórico de la Republica del Uruguay.</i>	S/ edição	Montevideo: Imprenta Uruguyaná	Biblioteca Nacional do Uruguai	Versão completa digitalizada
1873	ROMERO, E. <i>Geografía elemental para uso de las escuelas primaria.</i>	1ª ed.	Montevideo Imprenta à Vapor de la Paz	Biblioteca Nacional do Uruguai	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1877	BERRA, D. F. A. <i>Elementos de Geografía de la República Oriental del Uruguay.</i>	11ª ed.	Montevideo: Librería y Papelería de el Madrileño	Biblioteca Nacional do Uruguai	Versão completa digitalizada
1881	DE-MARIA, D. I. <i>Geografía Fisica y Política de la República O. del Uruguay.</i>	2ª ed.	Montevideo: Imprenta y encuadernacion de Rius y Becchi	Biblioteca Nacional do Uruguai	Versão completa digitalizada
1885	FONTELA, J. A. <i>Geografía Universal de la república.</i>	S/ edição	Montevideo: Liceu Uruguayo	Biblioteca Nacional do Uruguai	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1886	CÓRES, F. V. <i>Jeografía Razonada de 2º Grado – escrita extritamente al Programa de las escuelas - Tomo Primero.</i>	S/ edição	Montevideo: Imprenta de Et. Laurak-Bat	Biblioteca Nacional do Uruguai	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1888	CÓRES, F. V. <i>Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y</i>	2ª ed.	Montevideo: Libreria la Tribuna Popular	Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros (Argentina)	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque

	<i>cada uno de sus países.</i>				
Edições destinadas ao México					
Ano	Autor/Título	Edição	Local/Editora	Local de guarda do livro	Acesso
1827	ACKERMANN, R. <i>Catecismo de Geografía, con un mapa mundi.</i>	4ª ed	Londres: Strand	Biblioteca Nacional do México	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1861	GARZA, J. S. <i>Nueva Geografía Metódica, traducida de varios autores y arreglada al Atlas de M. M. Meissas y Michelot.</i>	S/ ed.	Mexico: Tip. De M. Murguia	Biblioteca Nacional do México	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1869	BÁRCENA, D. J. M R. <i>Catecismo Elemental de Geografía Universal com notícias recentes e uma carta de México.</i>	4ª ed	México: Eugenio Mailléfert, Editor	Biblioteca Nacional do México	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1876	CUBAS, A. G. <i>Curso Elemental de Geografía Universal.</i>	2ª ed.	México: Imprenta de la V. É Hiros de Murgia	Biblioteca Nacional do México	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1879	IMAZ, M. C. <i>Nociones de Geografía.</i>	S/ ed.	México: Imprenta de J. M. Aguilar Ortiz	Biblioteca Nacional do México	Versão completa digitalizada
1883	RAMÍREZ, F. J. <i>Nociones sobre geografía astronómica.</i>	S/ ed.	Guadalajara: Tipo. De C. Moya	Biblioteca Nacional do México	Versão completa digitalizada
1886	GUIM, J. B. <i>Compendio elemental de Geografía Universal.</i>	S/ ed.	México: Librería de CH. Bouret	Biblioteca Nacional do México	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque

1892	YEVES, C.; CORREA, A. <i>Nociones de Geografía Universal.</i>	2ª ed.	México: Gallegos Hermanos Libreros Editores	Biblioteca Nacional do México	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1898	GUIM, J. B. <i>Compendio elemental de Geografía Universal.</i>	S/ ed.	México: Librería de CH. Bouret	Biblioteca Nacional do México	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque

Edições destinadas à Cuba

Ano	Autor/Título	Edição	Local/Editora	Local de guarda do livro	Acesso
1817	LOSADA, J. C. <i>Breves Tratados de Esfera y Geografía Universal.</i>	2ª ed.	Madrid: Oficina de Arazoza y Soler, impresores de Cámara de S. M., &c.	Biblioteca Nacional de Cuba José Martí	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1826	S/ autoria. <i>Lecciones de Geografía astronómica, física y política.</i>	S/ ed.	Habana: Imprenta de D. Pedro Palmer y Hijo	Biblioteca Nacional de Cuba José Martí	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1844	IMBERNÓ, J. <i>Catecismo Geográfico.</i>	S/ ed.	Sem dados	Biblioteca Nacional de Cuba José Martí	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1849	D.J. A J. <i>Lecciones de Geografía extractada de las que escribio en frances El abate Gaultier.</i>	3ª ed.	Habana: Imprenta Fraternal	Biblioteca Nacional de Cuba José Martí	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1859	MACÍAS, J. M. <i>Ampliaciones al texto "Geografía de Asa Smith".</i>	2ª ed.	Habana: Imp. La Habana	Biblioteca Nacional de Cuba José Martí	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1862	ROURE Y BOFILL D. C. E. <i>Elementos de Geografía.</i>	S/ ed.	Habana: Imprenta "La Antilla"	Biblioteca Nacional de Cuba José Martí	Fotografias do arquivo pessoal de Maria

					Adailza Martins de Albuquerque
1863	CASADO, R. S. <i>Elementos de Geografía Universal.</i>	S/ ed.	Habana: Vila y Hermano Imprenta "La Proteccion"	Biblioteca Nacional de Cuba José Martí	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
1884	PARRILLA, J. P. <i>Curso Elemental de Geografía.</i>	S/ ed.	Habana: La Propaganda Literaria	Biblioteca Nacional de Cuba José Martí	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque
Edições destinadas a países não visitados					
Ano	Autor/Título	Edição	Local/Editora	Local de guarda do livro	Acesso
1862	F. F. <i>Compendio de Geografía Universal.</i>	S/ ed.	Guatemala: Imprenta de Luna.	Biblioteca Nacional do México	Fotografias do arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque

Fonte: elaborado pelo autor.

4.1 Autores, conteúdos e contexto sócio-histórico

No século XIX a educação em geral nos países latino-americanos era muito limitada, pouquíssimos estudantes mais abastados tinham acesso ao ensino de qualidade, e pouco investimento era feito pelo Estado. Dessa forma, a educação servia, na verdade, para preservar privilégios, e criar uma separação entre o mundo branco europeu ocidental superior e o resto da população, reforçando e justificando a superioridade econômica de uma elite branca (Bolígian, 2010, p. 68).

Os professores, que em em muitos casos também eram os autores dos livros didáticos, eram intelectuais dessas elite branca, e via de regra, não tinham formação em Geografia, visto que sequer existia curso para tal. Na verdade, a maioria deles eram professores polivalentes que estudavam humanidades e ciência de forma geral, e davam aula de várias disciplinas. Em outros casos, os autores eram proprietários de editoras e livrarias que juntavam informações a partir de fontes provenientes desses intelectuais, como outros livros didáticos e obras de ciência, a fim de publicar e vender suas próprias edições.

Nesse contexto, os livros didáticos de Geografia eram itens raros e caros, que corroboravam a visão de mundo dessa elite intelectual branca, e serviam como mediadores do currículo oficial que se propunha para as escolas (em suas diferentes formas) da época.

Em geral, o conteúdo encontrado nesses livros é apresentado de forma bastante enciclopédica, quase como guias de dados e informações sobre os países, e estavam engendrados em uma narrativa eurocêntrica e racista, o que é observável em praticamente todas as obras aqui estudadas. Vemos nos conteúdos, por exemplo, a ideia dos indígenas como selvagens bárbaros e preguiçosos em oposição aos brancos civilizados trabalhadores, o calor e as doenças tropicais do Brasil como impedimentos para o desenvolvimento econômico, a história do Brasil contada a partir do “descobrimento” das terras por casualidade, entre outros preceitos ultrapassados e preconceituosos, mas que ainda ecoam nos dias atuais.

Quando apresentados aos alunos, os saberes contidos nos livros jamais eram questionados, ainda mais na presença dos professores, bastiões desse conhecimento. Dessa forma, o conhecimento passado pelos livros didáticos tinha um caráter conformista, e não abria espaço para pensamentos sobre sua legitimidade (Pinto, 2009, p. 2).

Em muitos casos o que se pretende é que os alunos aceitem «sem pestanejar» aquilo que lhes é transmitido, absorvendo assim tudo aquilo que o poder pretende que seja inculcado nos alunos. De certo modo estas ideias adjacentes à elaboração de muitos manuais escolares, moldaram as mentalidades e o carácter de gerações inteiras, como que uniformizando as formas de pensar e de estar, bem como as formas de encarar o mundo que as rodeava. (Pinto, 2009, p. 6).

4.2 Estrutura

A maioria dos livros segue uma estrutura semelhante. Os primeiros capítulos costumam abordar noções gerais de Geografia, o que em alguns casos se intitula “Geografia Geral”, explicando do que se trata a ciência, além de descrições básicas de elementos geográficos como rios, montanhas, pontos cardeais, estações do ano, linhas imaginárias, entre outros temas. É comum que também existam tópicos divididos para Geografia Física, Geografia Política, Geografia Astronômica (ou cosmografia), entre outros, variando de livro para livro. Na sequência, se apresentam capítulos para descrever cada país do mundo (ou pelo menos os considerados mais importantes), o que em alguns casos se intitula “Geografia Descritiva”.

Na maioria dos casos, o capítulo sobre o Brasil ocupa uma ou duas páginas, e é organizado em tópicos. Os temas dos tópicos variam, mas costumam ser: limites, situação ou posição, população, aspecto físico, clima, montanhas, rios, governo, religião, divisão territorial, principais cidades, história, entre outros. Às vezes o capítulo não está organizado em tópicos, com o texto corrido ou então no estilo catecismo de perguntas e respostas, mas expõe o mesmo tipo de informações referentes aos tópicos citados.

Alguns livros não contam com um capítulo para falar especificamente sobre cada país, mas sim sobre cada continente. Nesses casos o conteúdo sobre o Brasil é mais enxuto, com um pequeno trecho para descrever o país, ou com apenas citações a pontos geográficos de destaque como cabos, ilhas e rios localizados no Brasil.

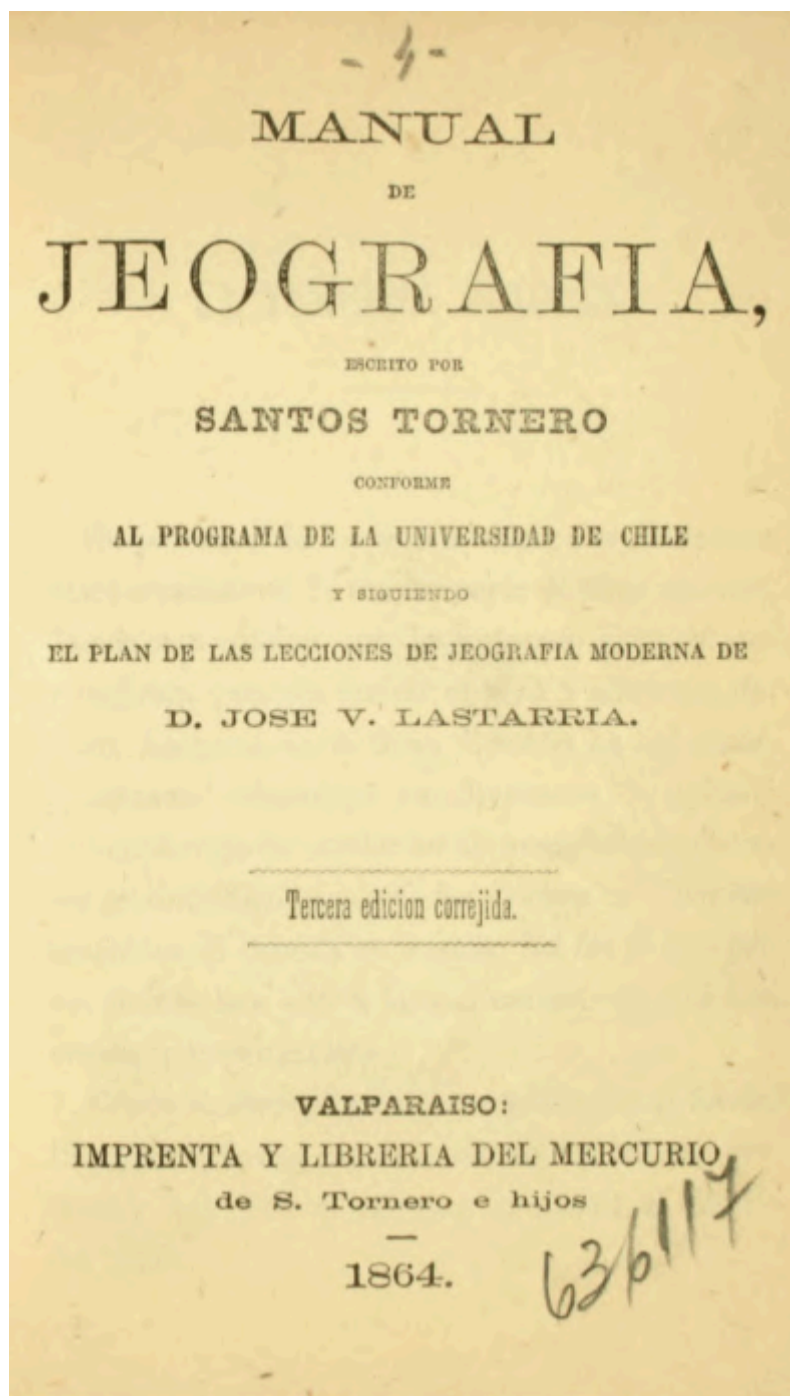
Há ainda livros que contam com nenhuma ou quase nenhuma informação sobre o Brasil. É o caso de obras que se dedicam apenas a informações sobre a geografia do país ao qual foi destinado, ou então, focam em outros temas mais específicos.

4.3 Fontes e circulação de informações

Uma característica notável ao conjunto das obras analisadas na presente pesquisa é a repetição, entre as diferentes obras, de estruturas, textos, frases, trechos ou dados, idênticos ou consideravelmente semelhantes. Isso se deve principalmente ao fato de que no século XIX os autores de livros didáticos careciam de fontes para produção dos mesmos, e dessa forma, era comum que diferentes autores recorressem às mesmas fontes.

Em muitos casos também, como destacamos anteriormente, os autores usavam outros livros didáticos como fonte. É, por exemplo, o caso da obra “Manual de Jeografia” (1864) de José Santos Tornero, que, como vemos na Figura 01, em sua capa anuncia seguir o plano do livro “Lecciones de Jeografia Moderna” de José Victorino Lastarria. Durante a leitura de ambos, é possível notar diversas semelhanças e até trechos idênticos ao longo do conteúdo.

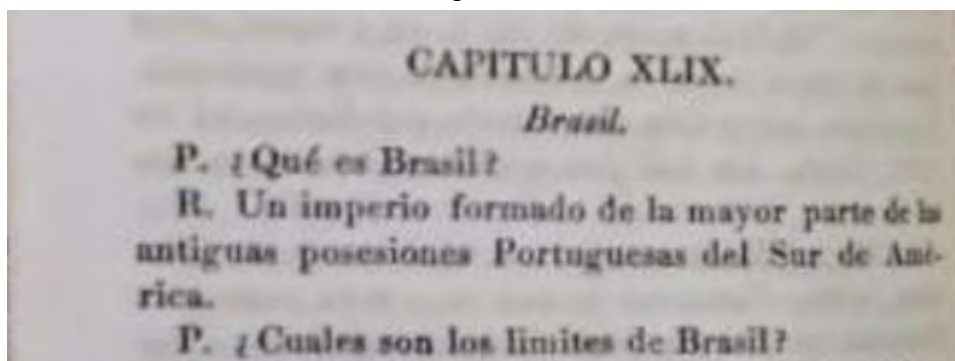
Figura 01 – Conteúdo da capa do livro “Manual de Jeografia”, de 1864, de autoria de José Santos Tornero



Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional do Chile.

Entretanto, o caso do livro de Tornero é raro, visto que muitas obras apresentam entre si trechos idênticos ou muito parecidos, e a maioria delas não se preocupa em referenciar sua fonte. É o caso, por exemplo, da obra “Nueva Geografía Metódica” de 1861, onde José Saturnino Garza escreve um trecho sobre o Brasil praticamente idêntico ao que podemos encontrar na obra “Catecismo de Geografía” de 1827, por Rudolph Ackermann, como vemos nas Figuras 02 e 03. Na nossa pesquisa identificamos diversas situações semelhantes a essa.

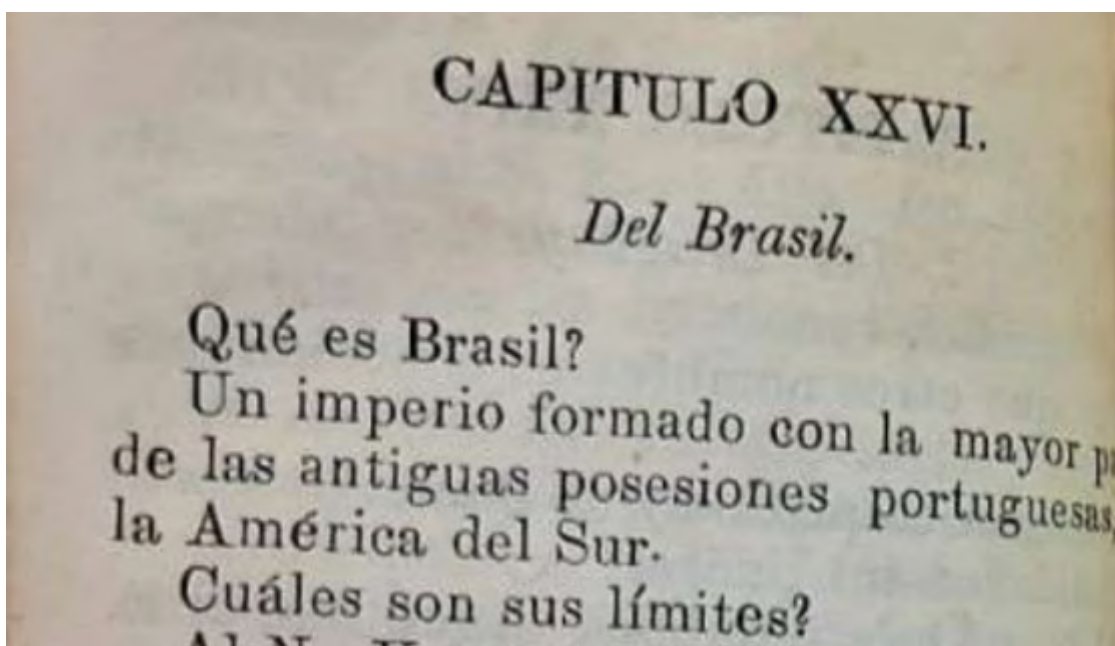
Figura 02 – Recorte da página 64 do livro “Catecismo de Geografía”, de 1827, de autoria de Rudolph Ackermann



Nota: Acervo da Biblioteca Nacional do México.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

Figura 03 – Recorte da página 96 do livro “Nueva Geografía Metódica”, de 1861, de autoria de José Saturnino Garza



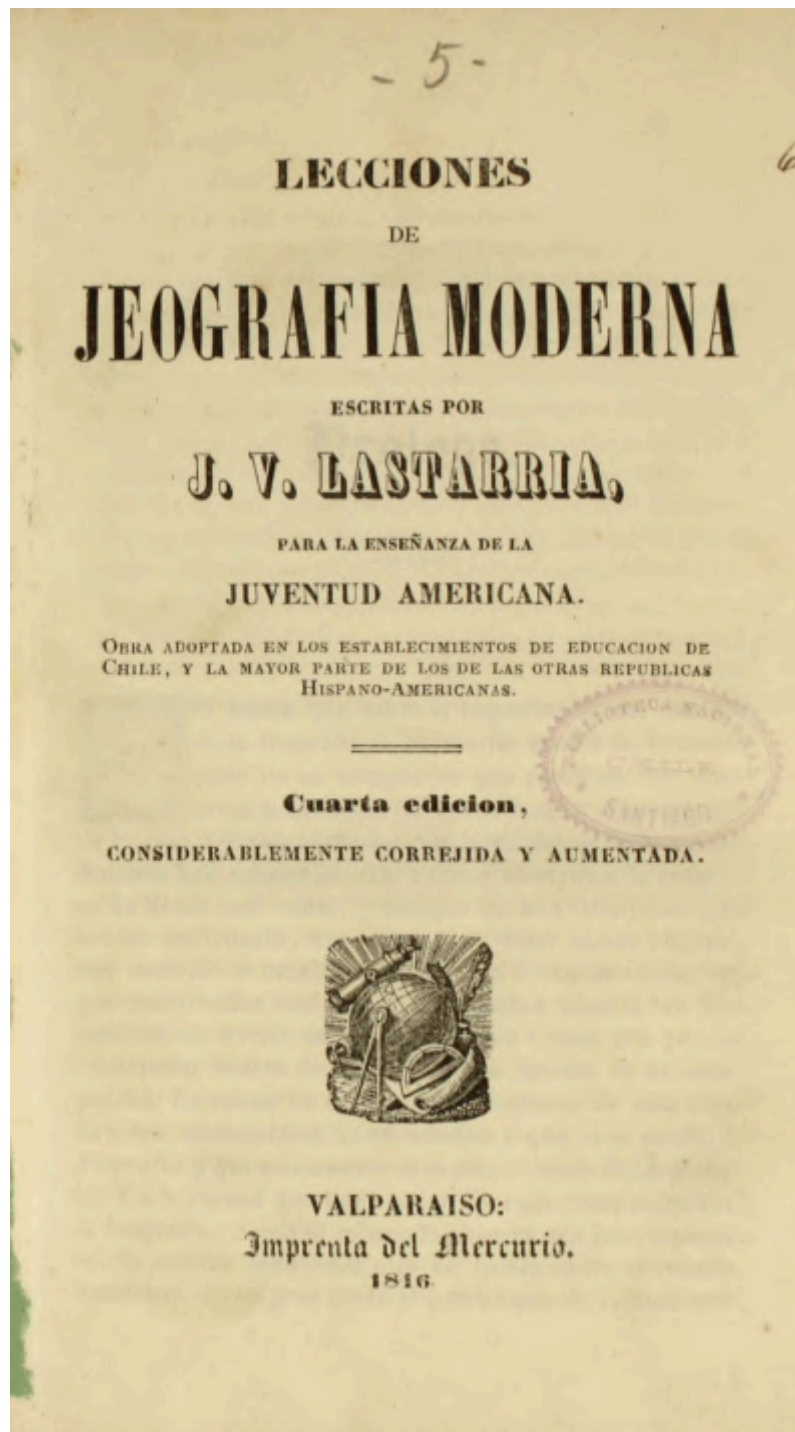
Nota: Acervo da Biblioteca Nacional do México.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

Também observamos casos onde o autor se autoplagia, repetindo textos idênticos em diferentes obras de sua autoria, como faz Alfredo Cosson em suas obras “Elementos de Geografía Física y Política” de 1877, “Curso Gradual de Geografía Astronómica, Física, Política, Descriptiva é Histórica” de 1887 e “Pequeña geografía para uso de las escuelas primarias” do mesmo ano.

Há indícios de que os livros didáticos circulavam entre os países latino-americanos, e mesmo que com menos frequência, os autores latino-americanos também poderiam usar obras publicadas em países vizinhos como fonte. Uma evidência dessa circulação de livros entre os países latino-americanos pode ser observada na capa do livro “Lecciones de Geografía Moderna”, de 1846, de autoria de José Victorino Lastarria, onde se anuncia “Obra adoptada en los establecimientos de educacion de Chile, y la maior parte de los de las otras republicas hispano-americanas.” como vemos a seguir.

Figura 04 – Capa do livro “Lecciones de Jeografia Moderna”, de 1846, de autoria de José Victorino Lastarria



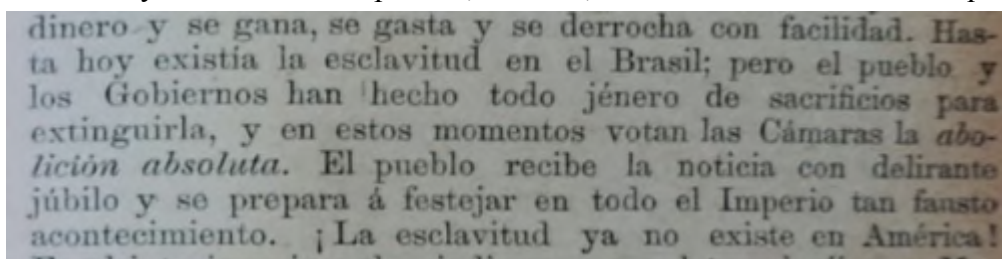
Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional do Chile.

Outra indicação dessa circulação é termos encontrado alguns dos livros didáticos analisados em bibliotecas de países aos quais não foram destinados. É o caso do “Compendio de Geografía Universal” de 1862, com autoria de F.F, livro que foi publicado na Guatemala, mas encontrado na Biblioteca Nacional do México, sendo o único livro analisado que não é destinado a um país visitado. O mesmo vale para o livro “Jeografía de Sudamérica con

nociones de Historia de todos y cada uno de sus países” de 1888, com autoria de Francisco Vázquez Córes, que foi publicado no Uruguai, mas encontrado na Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros na Argentina.

Também podemos constatar uma circulação de informações relativamente veloz entre os países latino-americanos, observamos isso através da atualização dos dados sobre o Brasil nos livros analisados. No livro uruguaio “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países” por Francisco Vázquez Córes, é comemorada a notícia da abolição da escravatura no Brasil como vemos na Figura 05. O interessante é que a abolição foi decretada em 1888, mesmo ano da publicação do livro uruguaio, demonstrando a velocidade e a preocupação dos autores e editores com a atualização dos dados.

Figura 05 – Recorte da página 109 do livro “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, de 1888, de autoria de Francisco Vázquez Córes



Nota: Acervo da Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

Se por um lado, vemos essa rápida atualização e precisão de dados em algumas obras, especialmente naquelas do fim do século XIX, também observamos em outros casos imprecisões e equívocos notáveis, principalmente nas edições mais antigas analisadas. Um livro que se destacou nesse quesito foi “Lecciones de Geografía astronómica, física y política” de 1826. Ao listar as províncias brasileiras, a obra faz uma grande confusão, citando províncias e cidades que não vão de acordo com a organização política brasileira da época, como se observa a seguir.

Figura 06 – Conteúdo da página 195 do livro “Lecciones de Geografía astronómica, física y política”, de 1826, sem autoria

za fuerte y rica, con buen puerto y malos edificios.—*Fernambuco*; su capital *Olinda* con puerto muy concurrido.—*Marañón*; su capital *San Luis*.—*Pará*; su capital de igual nombre es linda ciudad marítima.—*Rio-Grande*; su capital del mismo nombre es plaza fuerte y puerto rodeado de arenales.—*San Pablo*; su capital de igual nombre situada en la cima de una montaña con buenos edificios.—*Itamarca*; su capital la *Concepcion*.—*Matogrosso*; su capital *Villa-Bella*.—*Porto-Seguro*; llamada de las *Minas* porque tiene las mas abundantes de diamantes y oro; su capital *Mariana*.—*Paraíba*—*Seara*—*Sejeripe del Rey*—*Ilheos*—*Espíritu Santo*—y *San Vicente* tienen capitales del mismo nombre.

LECCION CV.

DEL PAIS DE LAS AMAZONAS.

Confina al Norte con el Nuevo Reino de Granada; al Oriente con el Brasil; al Sur con las provincias de la Plata; y al Poniente con el Perú.

Su suelo está inundado por grandes rios siendo los mas considerables el de las *Amazonas*, el *Madera*, *Napo*, *Marañón*, *Rio-Negro* y otros abundantes todos en caimanes. Sus bosques están poblados de fieras y en particular de tigres, dantas, monos, culebras é insectos venenosos.

Nota: Acervo da Biblioteca Nacional de Cuba José Martí.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

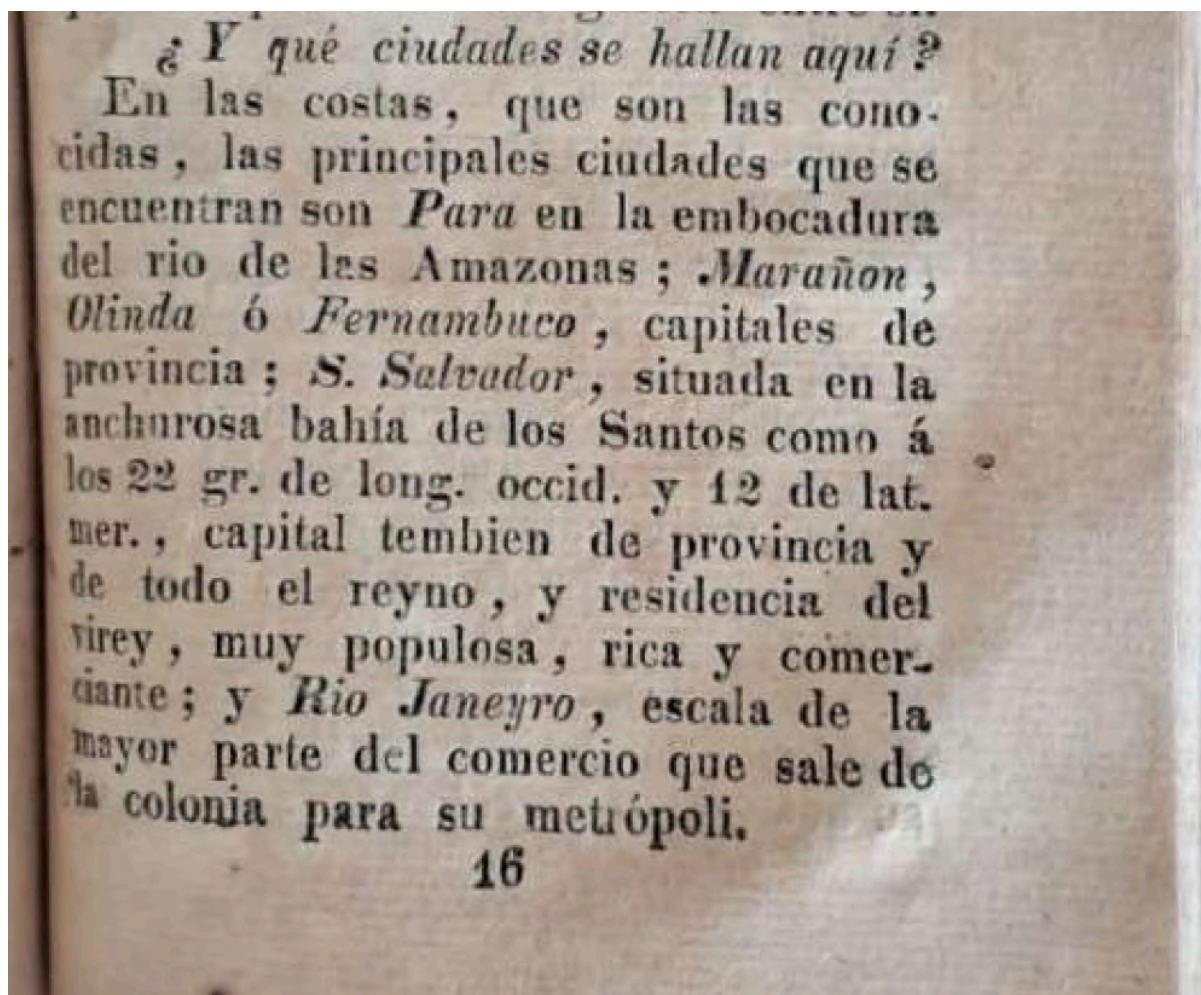
Vemos por exemplo a citação a suposta província de “Itamarca” e sua capital “La Concepción”. Nunca houve nenhuma província ou região chamada “Itamarca” no Brasil, por conta disso acreditamos que provavelmente o caso se trate de um erro de impressão ou tipografia, e o autor quis se referir na verdade a “Itamaracá”, nome de uma antiga capitania

hereditária brasileira. Quanto à capital de “Itamarca” chamada de “La Concepcion”, provavelmente se trata de uma “espanholização” do nome próprio Conceição, que, por sua vez, deriva de Nossa Senhora da Conceição, nome da vila que foi sede da Capitania de Itamaracá durante o período das capitanias hereditárias (Soares e Melo, 2010, p. 443).

Outras antigas capitanias hereditárias também são erroneamente listadas como províncias, como é o caso de Ilhéus, São Vicente (sendo que São Paulo também é citada como província) e Porto Seguro (que corresponderia a Minas Gerais e teria capital Mariana). Por fim, ainda podemos observar na parte inferior da página o início de um capítulo intitulado “Pais de las Amazonas”, destacando Amazonas como um país separado do Brasil, outro equívoco. Em resumo, o autor da obra faz uma grande confusão entre países, províncias e capitanias hereditárias antigas, provavelmente por não dispor de informações muito precisas e atualizadas, e estar suscetível a transcrições e traduções imprecisas.

Outro livro com erros notáveis é “Breves Tratados de Esfera y Geografia Universal” de 1817, por Juan Cayetano Losada. Como vemos na Figura 07, a cidade de Salvador é erroneamente apontada como a capital do Brasil e residência do vice-rei. Como sabemos a capital foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763, 54 anos antes da publicação do livro, e o cargo de vice-rei já não existia no Brasil desde 1808, quando a corte portuguesa se transferiu para o Rio de Janeiro.

Figura 07 – Recorte da página 241 do livro “Breves Tratados de Esfera y Geografia Universal”, de 1817, de autoria de Juan Cayetano Losada



Nota: Acervo da Biblioteca Nacional de Cuba José Martí.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

Ambos livros apresentados com informações imprecisas foram publicados no primeiro terço do século XIX, estando entre os mais antigos analisados na pesquisa. Isso pode indicar o impacto do desenvolvimento da comunicação e da tecnologia ao longo do período analisado, com melhores recursos para a publicação de um livro didático ao fim do século XIX, condicionados pelo acesso a maior qualidade e quantidade de fontes, pela possibilidade de troca de informações mais velozes e pela adesão de melhores instrumentos técnicos para publicação de uma obra.

Além disso, ambos livros (Figura 06 e 07) são cubanos. Acreditamos que isto ocorre por dois motivos, primeiro porque Cuba é na presente pesquisa o país com as edições mais antigas encontradas, com 4 edições anteriores a 1850. E segundo porque o Brasil era relativamente distante e inacessível para Cuba se comparado com os outros países estudados, em uma época em que, como sabemos, a circulação da informação era muito dificultada. O México se enquadra na mesma situação, e não à toa, depois de Cuba, as obras destinadas ao

México são as que mais apresentam erros, ainda que menos graves e frequentes do que nas obras cubanas.

5. São Paulo nos livros didáticos latino-americanos

Para buscar conteúdos sobre São Paulo nos livros analisados nos debruçamos especialmente nos capítulos, seções, lições ou tópicos dedicados ao Brasil. Das 37 edições analisadas, 30 contam com um capítulo, seção, lição ou tópico dedicada exclusivamente ao Brasil. Em grande parte dos casos, quando se apresenta o Brasil, lista-se o nome de todas províncias brasileiras, isso acontece em 22 das 37 edições. Podemos ver, por exemplo, na Figura 08 a obra “Curso Elemental de Geografia”, de 1884, por Justo P. Parrilla, que mostra exatamente esta estrutura: um capítulo sobre o Brasil, dividido em tópicos, e entre estes o tópico “Division” listando todas as províncias brasileiras. Desta forma, o estado/província de São Paulo quase sempre é citado, nem que seja apenas dentro de uma lista como essa.

Figura 08 – Conteúdo da página 92 do livro “Curso Elemental de Geografia”, de 1884, por Justo P. Parrilla

BRASIL.

Límites—Al N. Venezuela, Guayanas y Oceano Atlántico; al E. el mismo Oceano; al S. y O. las repúblicas de Uruguay, La Plata, Paraguay, Bolivia, Perú, Ecuador y Nueva Granada.

Superficie y población.—8 á 10 millones de kms. cuads. (una extension igual á la de Europa) y cerca de 12 millones de habitantes blancos, indios, negros y mulatos.

Aspecto general.—El suelo es accidentado, siendo ménos montañoso en la parte Sud, y contiene grandes llanuras y mesetas, fértiles valles y caudalosos rios.

Montañas y rios.—Las cordilleras principales son tres: la *Central* ó de *Espinazo*, la *Oriental* ó *Marítima* y la *Occidental* ó de las *Vertientes*, que determinan las cuencas de los rios *Amazonas*, *Tocantino*, *San Francisco* y *Paraná*.

Clima y productos.—El clima es cálido al N., templado al Centro y Sud; sus productos en los tres reinos son ricos y variados, comprendiendo todos los de esta parte del mundo, y son los principales artículos de exportacion: café, azúcar, algodón, cueros, oro y diamantes.

Habitantes.—Los brasileños son descendientes de los portugueses, cuyo idioma y caractéres distintivos conservan, si bien en gustos y costumbres se asemejan á los otros pueblos sud-americanos.

Intereses materiales.—La agricultura, principal fuente de riqueza del Imperio, y la Industria, adelantan notablemente; el Comercio es el más importante de toda la América latina.—Los ferrocarriles ascienden á unos 7,000 kilómetros.

Division.—El Imperio del Brasil, único estado monárquico de esta parte del mundo, se divide en 21 provincias y el Municipio de la Capital.

Las provincias son: *Amazonas*, *Pará*, *Marañon*, *Piauí*, *Ceará*, *Rio Grande del Norte*, *Parahiba*, *Pernambuco*, *Alagoas*, *Sergipe*, *Bahía*, *Espirito Santo*, *Rio de Janeiro*, *San Pablo*, *Paraná*, *Santa Catalina*, *Rio Grande del Sud*, *Minas Generales*, *Goyas*, *Mato-Grosso* y *San Francisco*.

Ciudades principales.—*Rio Janeiro*, capital con 275,000 habitantes y la segunda plaza comercial de América.—*Bahía* (180,000) y *Pernambuco* (120,000), ámbas con importante co-

A partir da Figura 08 também podemos observar outro fator comum a praticamente todos os livros analisados: a “espanholização” dos nomes próprios. Por conta disso, quase sempre vamos encontrar “San Pablo” ao invés de São Paulo para se referir ao estado/província aqui estudado. Isso também vale para outras províncias brasileiras que também tem seus nomes “espanholizados”, o que, por vezes, pode gerar confusão.

Nos tópicos que abordam temas da Geografia Física, como “aspecto físico”, “clima”, “montanhas”, “rios”, entre outros, alguns elementos que dizem respeito a geografia do estado/província de São Paulo costumam ser citados, mas sem apontar nenhuma relação direta com São Paulo. Os elementos mais citados são a Serra do Mar (com diferentes nomes), e o Rio Paraná, mas também são citados a Serra da Mantiqueira, as ilhas de São Sebastião (mais conhecida hoje como Ilhabela), e de São Vicente (onde se localizam os municípios de Santos e São Vicente), e os rios Tietê, Paranapanema, Pardo e Paraíba do Sul.

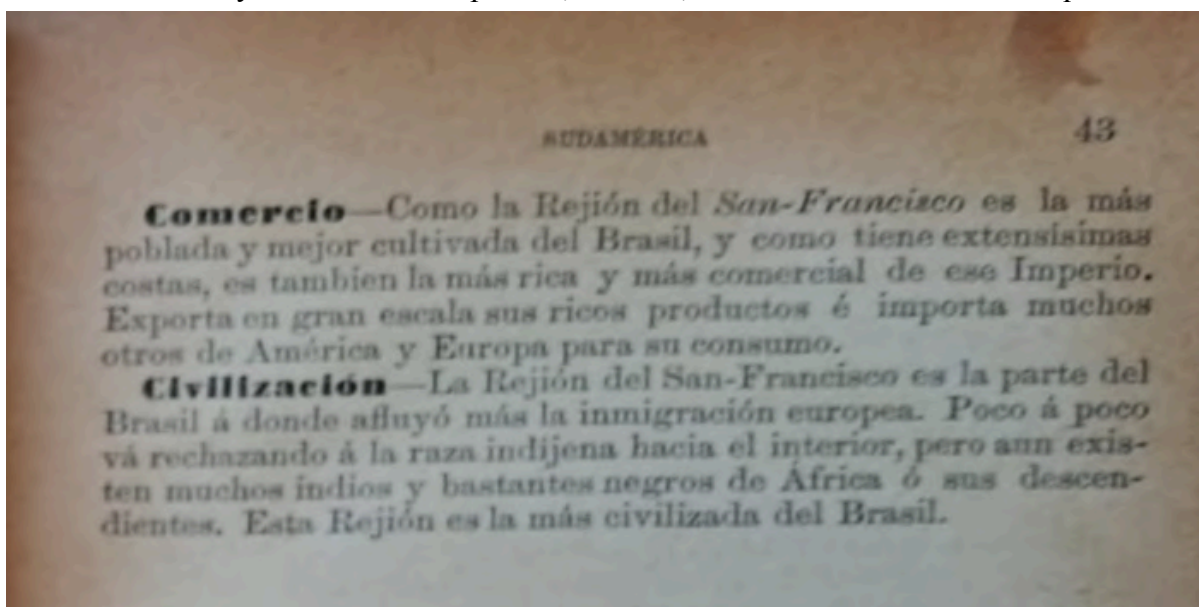
Também é comum nos livros a presença de um tópico destinado a listar, e às vezes até descrever, as cidades consideradas de maior relevância do Brasil, isso ocorre em 26 das 37 edições analisadas. Nesse tópico, normalmente os autores listam as cidades em ordem de relevância, sendo a capital do Brasil na época, o Rio de Janeiro, a primeira citada e com descrição mais elaborada. Depois do Rio, as cidades mais citadas que costumam aparecer em sequência são Salvador, Recife, Belém e São Luís.

São Paulo também é uma presença constante, 21 edições citam a cidade de São Paulo entre as principais do Brasil, entretanto, em ordem de relevância, São Paulo aparece, via de regra, depois das cidades nordestinas citadas, e em 5 edições a capital paulista é sequer citada. Isso se deve principalmente ao fato de que o município de São Paulo não tinha grande destaque no cenário nacional no século XIX, especialmente na primeira metade, como vemos no trecho abaixo.

Em meados do século XIX, o município de São Paulo ainda era considerado um entreposto rural, com singela importância dada apenas pela sua localização privilegiada, próximo ao escoamento comercial marítimo e com estradas precárias que possibilitavam o desbravamento rumo ao interior. Diversos aldeamentos, dentre eles aldeias indígenas, missões jesuítas e vilas caipiras, constituíam os arredores da cidade em formação, assim como chácaras e fazendas de integrantes das classes mais abastadas e de oficiais do exército (Biazoti, 2020, p. 72).

O apontamento de Biazoti (2020) e os dados apresentados revelam um pouco da configuração econômica e territorial brasileira da época, ainda muito centrada no Rio de Janeiro e no litoral nordestino, onde se encontravam as cidades mais desenvolvidas economicamente. Isso se traduz na obra uruguaia “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, de 1888, por Francisco Vázquez Córes. Esse livro se destaca por apresentar uma regionalização da América do Sul que divide o Brasil em 3 regiões, “Rejión del Amazonas”, “Rejión del Plata” e “Rejión del San-Francisco”. A última citada corresponde, como descreve Córes (1888, p. 20), exatamente a essa faixa que vai do Rio de Janeiro seguindo por todo litoral nordestino. Como vemos a seguir, a região é destacada como a mais povoada, cultivada, rica, comercial e civilizada do Brasil.

Figura 09 – Recorte da página 43 do livro “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, de 1888, de autoria de Francisco Vázquez Córes



Nota: Acervo da Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

Dessa forma, o estado/província de São Paulo fica então à margem desse centro “rico e civilizado” no contexto brasileiro do século XIX.

5.1 Evolução dos conteúdos sobre o estado/província de São Paulo: indícios da ascensão paulista no cenário político e econômico nacional com o café e o porto de Santos

Sabemos, porém, que o cenário começa a se inverter na segunda metade do século XIX.

Entre 1836 e 1854, a cidade de São Paulo passa a ganhar importância como intermediário entre o porto de Santos e as fazendas de café em expansão no noroeste do estado. A cidade passa a ser local de residência dos barões do café, que ali se estabelecem, e iniciam um processo embrionário de importação de mão de obra. (Biazoti, 2020, p. 74).

Esse processo se desenvolveu exponencialmente até o fim do século XIX, culminando numa mudança importante no cenário econômico nacional, agora baseado na remuneração assalariada, e na exportação de café. Nesse contexto, em meados do século XX, as oligarquias cafeeiras paulistas já assumem protagonismo político e econômico no contexto brasileiro.

A importância de São Paulo na economia nacional cresce no final do século XIX com a indústria cafeeira e o início do processo de industrialização do país. Com a abolição da escravidão e a mudança na economia brasileira da cana-de-açúcar para o café, intensificou-se o fluxo migratório de trabalhadores livres para o país, vindo de inúmeros países, como italianos, portugueses, alemães, espanhóis, sírio-libaneses e japoneses. Estes trabalhadores livres, chegados na cidade de São Paulo, eram direcionados para as fazendas de café no interior do estado para trabalharem em regimes de remuneração assalariada e passaram a compor a sociedade brasileira. (Biazoti, 2020, p. 75).

Pensando nisso, buscamos identificar nas obras indícios do desenvolvimento desse processo ao longo do período estudado. A fim de medir essa crescente, tomamos nota da posição em que São Paulo aparece na lista de principais cidades do Brasil em cada uma das 26 edições onde essa lista é apresentada. A partir desses dados, elaboramos o Quadro 02, que revela a média arredondada da posição da cidade de São Paulo nessas listas em cada década, a partir de 1860. Definimos 1860 como corte por termos menos obras para analisar publicadas anteriormente a essa data, mas também porque na década de 60 foi construída a São Paulo Railway, a primeira ferrovia do estado/província de São Paulo, que permitiu o escoamento da produção agrícola e a chegada de trabalhadores imigrantes através do porto de Santos. A ferrovia impulsionou muito a economia paulista, especialmente a indústria cafeeira. Também apresentamos no Quadro 02 em quais décadas se encontram os 5 casos onde as principais cidades do Brasil são listadas sem a presença de São Paulo.

Quadro 02 - Relevância de São Paulo entre as principais cidades brasileiras nos livros didáticos latino-americanos

Ano de publicação	Média arredondada da posição em que aparece São Paulo na lista das principais cidades	Edições que não incluem São Paulo entre as principais cidades
Anterior a 1859	6°	2
Década de 1860	6°	1
Década de 1870	5°	1
Década de 1880	8°	0
Década de 1890	6°	1

Fonte: elaborado pelo autor.

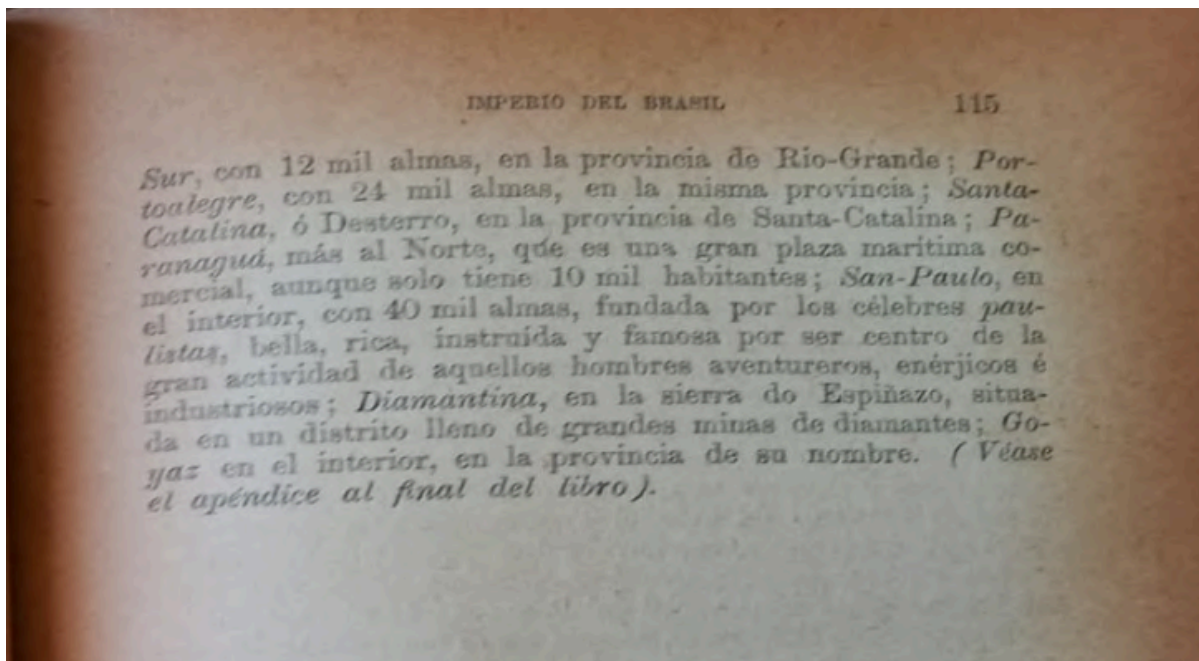
O Quadro 02 revela que não é possível detectar crescente significativa de destaque dado à capital paulista ao longo do período. Dessa maneira, São Paulo aparece, em geral, secundariamente nos conteúdos sobre o Brasil mesmo nas obras do fim do século. Essa importância secundária também se constata durante a leitura da grande maioria das obras, com algumas poucas exceções, as quais detalharemos a seguir.

A já mencionada obra “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países” (Córes, 1888) mostra São Paulo, como vimos, à margem dos centros civilizados do Brasil. O livro tem um tópico dedicado para cada uma das principais cidades brasileiras e a capital paulista é preterida, aparecendo apenas em um tópico secundário nomeado “Otras poblaciones”. Apesar disso, curiosamente², a descrição da cidade de São Paulo presente neste tópico corrobora com um discurso que sustentaria a ascensão econômica paulista no século seguinte³. Como vemos a seguir, o autor descreve a capital paulista como “rica” e os paulistas como “enérgicos e industriosos”, dando indícios de uma crescente econômica.

Figura 10 – Recorte da página 115 do livro “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, de 1888, de autoria de Francisco Vázquez Córés

² Os motivos pelos quais Córés “destoa” na descrição da cidade de São Paulo são debatidos na seção 5.4.

³ A narrativa por trás da ascensão econômica paulista é debatida na seção 5.3.



Nota: Acervo da Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros.

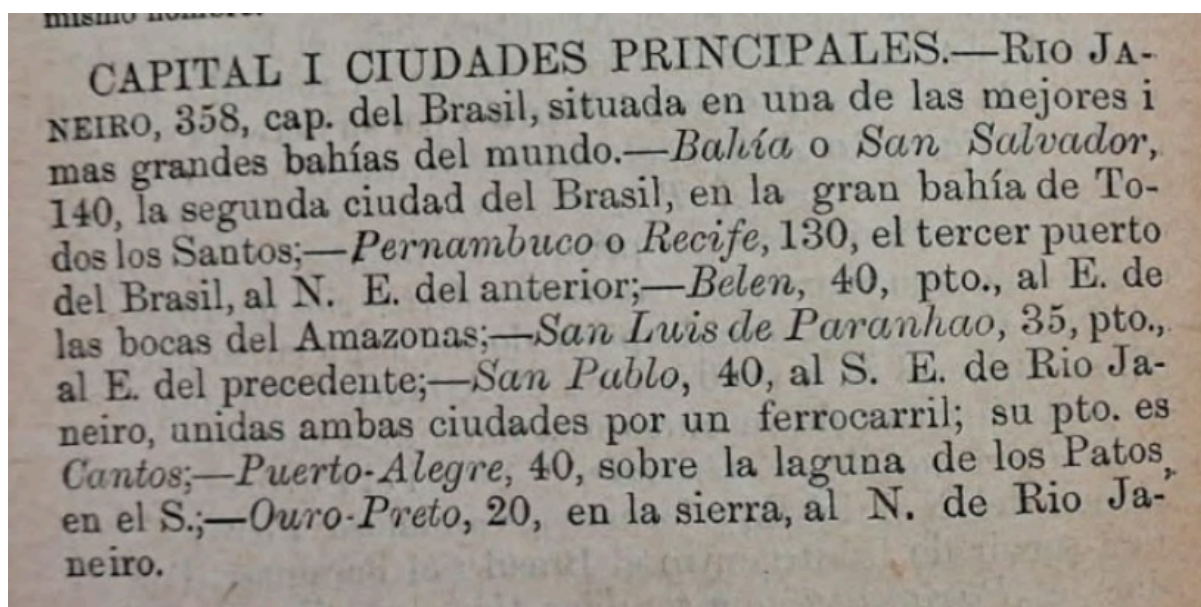
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

Outros livros que, mesmo timidamente, sinalizam indícios da ascensão paulista são as 3 edições de “Manual de Geografia”, de autoria de José Santos Tornero. Tivemos acesso à 3ª edição de 1864, à 17ª edição de 1884 e à 21ª edição de 1890 desta obra, e por conta disso podemos realizar uma análise mais profunda de seu conteúdo, com as continuidades e rupturas ao longo do tempo. Além disso, José Santos Tornero escreveu esse livro se baseando na obra “Lecciones de Geografia Moderna”(1840) de José Victorino Lastarria, o que possibilita a comparação também com a obra de referência.

No que diz respeito a São Paulo, a obra de Lastarria apenas cita o nome da província e da cidade de São Paulo, sem nenhuma informação adicional. Quanto à obra de Tornero, na 3ª edição já observamos algumas mudanças importantes com novos dados e informações, se comparado a obra de Lastarria. Primeiro que dessa vez, os principais portos do Brasil são citados, e o porto de Santos está entre eles. Depois, quando São Paulo é listada como uma das principais cidades, sua população é anunciada em 25 mil habitantes e Santos é novamente apontada como seu porto. Mesmo assim, a capital paulista é uma das últimas da lista, aparecendo depois de outras oito cidades. Quanto à 17ª edição da obra de Tornero, seu conteúdo é idêntico no que diz respeito a São Paulo, exceto que dessa vez a população não é apontada.

Já na 21ª edição (Figura 11), as informações são ainda mais aprofundadas. São Paulo é listada como uma das principais cidades, e dessa vez aparece atrás apenas de 4 cidades, um salto importante em relação à 17ª edição. Além disso, sua população é anunciada em 40 mil habitantes, quase o dobro em relação à 17ª edição, e sua localização geográfica, ao “S. E. de Rio de Janeiro”(Torneró, 1890, p. 188), é apontada. Santos também aparece novamente indicada como seu porto. Outra novidade importante é a citação a uma estrada de ferro que liga as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, uma referência a Estrada de Ferro do Norte, que ligava a São Paulo Railway em São Paulo, até a Estação Cachoeira, em Cachoeira Paulista, onde se encontrava com a Estrada de Ferro D. Pedro II (Giesbrecht, 2025).

Figura 11 – Recorte da página 188 do livro “Manual de Jeografia”, de 1890, de autoria de José Santos Torneró



Nota: Acervo da Biblioteca Nacional do Chile.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

A Estrada de Ferro do Norte citada no livro de Torneró foi importante para o desenvolvimento econômico paulista pois permitia, nesse primeiro momento, o escoamento da produção cafeeira das fazendas do Vale do Paraíba para o porto de Santos, através da São Paulo Railway, ou para o Rio de Janeiro, através da Estrada de Ferro Dom Pedro II. De maneira geral, a construção das linhas férreas no Estado foram vitais para o desenvolvimento da cidade e do Estado de São Paulo.

Entre 1890 e 1893, a população paulistana dobra em número e o desenvolvimento da indústria férrea intensifica os fluxos do município de

São Paulo com o restante do Estado, tanto no transporte de imigrantes para as fazendas de café quanto no transporte de mercadorias para escoamento no porto de Santos (Biazoti, 2020, p. 75).

Santos, através de seu porto, também assume bastante protagonismo nesse contexto. Como vimos nas edições de Tornero, a cidade é constantemente citada, e entre todas as obras analisadas é o único município paulista, fora a capital, mencionado, aparecendo em 6 das 37 edições analisadas. Santos era uma cidade pequena no século XIX, sem grandes edificações e com uma população de aproximadamente 9 mil habitantes em 1872 (Brasil, 1874). A cidade começou a crescer a partir da construção da São Paulo Railway, que permitiu o escoamento do café pelo seu porto e condicionou a posterior expansão e modernização do porto (Mello, 2007, p. 6). Desse modo, no fim do século XIX a população da cidade quadruplicou, chegando a aproximadamente 40 mil habitantes (Brasil, 2003). Das 6 menções a Santos encontradas nas obras analisadas, 5 são posteriores à inauguração da São Paulo Railway, em 1867.

Podemos constatar, desta forma, que a análise da sucessão de edições da obra de Tornero evidenciam o aparecimento crescente ao longo do tempo de informações sobre o estado/província de São Paulo, sendo estas informações diretamente relacionadas a elementos que culminaram na ascensão econômica paulista. Entretanto, é um crescimento relativamente tímido, visto que o estado/província continua longe de ser um destaque no contexto brasileiro nas edições analisadas.

Procurando ainda por indícios da ascensão da economia cafeeira no estado/província de São Paulo, demos uma atenção especial às citações ao cultivo e exportação do café no Brasil, e como isso se relaciona com o estado/província de São Paulo nas narrativas presentes nas obras analisadas.

O café aparece em algumas obras, especialmente naquelas publicadas na segunda metade do século XIX, sendo citado como um dos principais produtos de exportação brasileira. Vemos por exemplo na obra “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países” a afirmação de que o café brasileiro “es la mitad del que se produce en todo el Mundo” (Córes, 1888, p. 108). Citações ao café também aparecem em outras obras, mas assim como na obra de Córes (1888), a produção do grão nunca é relacionada ao estado/província de São Paulo. A única exceção é a obra “Geografía Universal de la república”, de 1885, por José A. Fontela, como veremos a seguir.

Figura 12 – Recorte da página 229 do livro “Geografía Universal de la república”, de 1885, de autoria de José A. Fontela

2,500 en construcción.

152. Comercio en 1882 los principales artículos exportados fueron los siguientes:

Café.	por 52 millones
Algodón en bruto	48 “
Azúcar.	18 “
Yerba mate.	1’4 “
Pieles.	4’0 “
Tabaco	4
Goma	6,

133’4 millones de \$

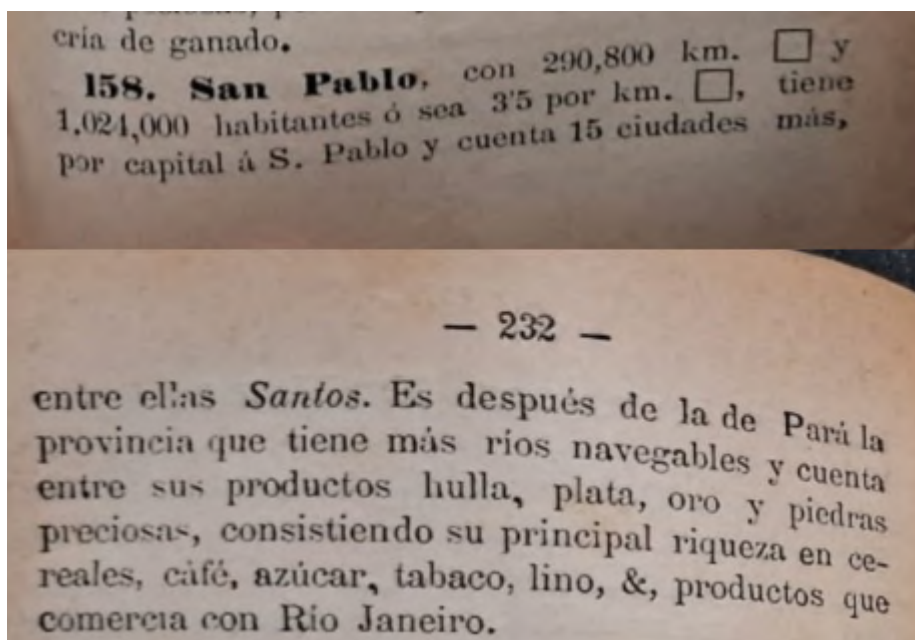
Estos productos se exportan principalmente por los siguientes puertos citados de S. á N.: Río Grande, Yaguarón y Porto Alegre, en la provincia de Río Grande, y en el lago de los patos; S. Francisco, Santa Catalina y Laguna, en Sta. Catalina; Paranaguá, en Paraná; Santos, en S. Pablo; Río Janeiro, Paraty y Cabo Frio, en Río Janeiro; Victoria, en Espíritu Santo; Puerto Seguro, Ilheos y Todos los Santos, en Bahía; Cotindiva en Sergipe; Iaraguá

Nota: Acervo da Biblioteca Nacional do Uruguai.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

A Figura 12 é um recorte do capítulo sobre o Brasil onde Fontela aborda o tópico “Comercio” com uma tabela que destaca o café como o principal produto de exportação brasileiro. O texto abaixo da tabela lista os portos pelos quais os produtos são exportados, com Santos entre eles. Mais adiante na obra de José A. Fontela a província de São Paulo é descrita, e o café é citado, entre outros produtos, como uma das suas principais riquezas, como vemos na Figura 13.

Figura 13 – Recorte das páginas 231 e 232 do livro “Geografía Universal de la república”, de 1885, de autoria de José A. Fontela



Nota: Acervo da Biblioteca Nacional do Uruguai.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

Como vemos, mesmo que citada na obra de Fontela, a relação entre o estado/província de São Paulo e o café ganha pouco destaque, sendo na Figura 13, por exemplo, o café apenas mais um item de uma lista diversificada de produtos.

De maneira geral, ainda que o café apareça como principal produto brasileiro em algumas obras analisadas do fim do século XIX, apenas em uma, e como vimos, de maneira secundária se faz a relação do produto com o estado/província de São Paulo. Dessa forma, constatamos que seja através do café, ou seja pela importância dada às cidades paulistas, encontramos nos livros didáticos raros e tímidos indícios da ascensão que tornaria o estado de São Paulo um centro econômico e político do Brasil já no início do século XX.

Quanto ao trecho de Fontela que vemos na Figura 13, para além da tímida citação ao café, a citação aos rios navegáveis e a cidade de Santos refletem a importância dada à navegação marítima e fluvial nas obras analisadas. Vale ressaltar que naquela época a navegação era o principal meio de transporte e comunicação no Brasil, e conseqüentemente todas as principais cidades estavam no litoral do país, ou a beira de rios. Não à toa, muitas vezes o tópico “principais cidades” se confunde com “principais portos”, sendo estes quase sinônimos. No caso de São Paulo, a cidade de Santos aparece antes da capital paulista entre as principais cidades brasileiras em 3 edições entre as analisadas no estudo.

5.2 Outras atribuições dadas ao estado/província de São Paulo

Além do café, encontramos outras atribuições e destaques dados ao estado/província de São Paulo nos livros didáticos estudados que chamaram a atenção, foi o caso, por exemplo, das riquezas minerais.

Citações as riquezas minerais podem ser observadas no já mencionado livro de Fontela (Figura 13), e também na obra cubana “Elementos de Geografia Universal”, de 1863, onde Rafael Sixto Casado afirma que São Paulo “tiene minas de diamante, rubies, oro y plata.” (Casado, 1863, p. 80).

Essas citações chamam a atenção pois o extrativismo mineral de metais e pedras preciosas não é historicamente uma atividade atribuída a São Paulo no contexto brasileiro, porém, sabemos que de fato ocorreu em alguma medida desde o século XVI, principalmente com o ouro (Vilardaga, 2013). Entretanto, o rubi e a prata também citados nunca foram produtos relevantes na economia paulista, e de maneira geral, o extrativismo mineral era uma atividade secundária em São Paulo na época em que os livros foram publicados.

Um fator que pode ter propiciado a citação as riquezas minerais, é a relação entre a identidade paulista e os metais e pedras preciosas, criada a partir da busca que os bandeirantes⁴ promoveram atrás desses bens. Isso pode ter misturado informações, propiciando as citações as riquezas minerais em São Paulo. Como ainda veremos, os bandeirantes são bastante lembrados nas obras analisadas.

Apesar dessa hipótese, não se sabe exatamente o que levou esses autores a destacarem as riquezas minerais paulista nos livros, mas devemos considerar, que como já constatamos, São Paulo era uma cidade pequena, e com pouco destaque na economia nacional, especialmente na primeira metade do século XIX. Por conta disso, qualquer atividade econômica realizada na província paulista que se tivesse notícia, mesmo que não em uma escala tão grande, já poderia ser suficiente para caracterizar a província, levando em conta um contexto de dificuldade de acesso a fontes de informação. Como já salientamos, as condições nas quais as obras eram elaboradas sob a falta de tecnologia, informação e comunicação tornavam seus conteúdos extremamente sensíveis a equívocos, confusões, ou exageros, ainda mais em âmbito internacional.

A obra de Fontela (Figura 13), por exemplo, se propõe a trazer um resumo sobre cada província brasileira individualmente, necessitando-se assim, de apresentar informações

⁴ O termo “bandeirante” não existia antes do fim do século XIX (Veiga, 2020) e portanto não é usado nas obras analisadas. O termo foi utilizado na presente pesquisa a fim apenas de facilitar a compreensão histórica dos fatos.

específicas sobre cada província, tarefa difícil para a época, principalmente quando se pensa nas províncias de menos destaque. Não à toa, a obra é a única, entre as analisadas, que se propõe a tal feito. Quanto ao livro de Rafael Sixto Casado, sua produção e edição foi realizada em Cuba, país relativamente distante do Brasil e talvez com menos informações disponíveis sobre as províncias brasileiras. Como já vimos, os livros cubanos foram os que apresentaram mais erros no conteúdo sobre Brasil entre os analisados.

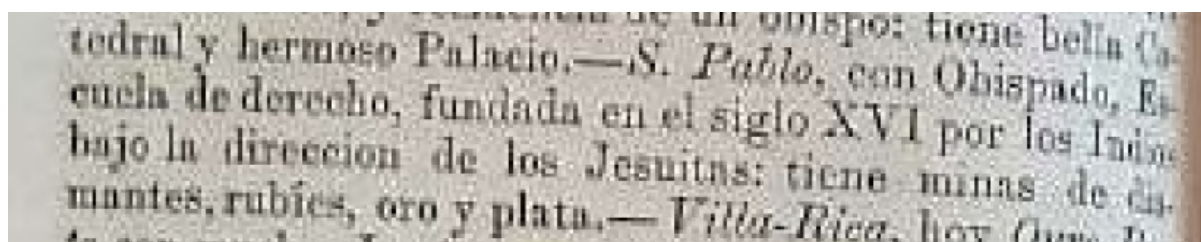
Além dos recursos minerais, chama a atenção uma citação ao chá, encontrada no livro guatemalteco “Compendio de Geografia universal” de 1862, por F.F. Nele o autor afirma que nas cercanias da cidade de São Paulo “se ven los mayores plantíos de té de la America del Sur.” (F.F., 1862, p. 346). O destaque dado passa a impressão de que a cidade era uma grande produtora e exportadora de chá durante o século XIX, o que não chegou a ser o caso. Porém as plantações de chá na cidade de São Paulo realmente existiram, chegando a contar com 44 mil pés de chá (Rendon, 1851). Elas foram promovidas pelo Marechal José Arouche de Toledo Rendon, que ganhou sementes de um amigo, e decidiu investir no cultivo do chá em São Paulo, onde tinha propriedades em grande parte da região central. A atividade teve relevância especialmente na primeira metade do século: “em 1825 até meados de 1833, o produto mais importante da agricultura paulistana era o chá” (Biazoti, 2020, p. 74), e deixou marcas na cultura da cidade. Em 1892, na região onde era parte da plantação, foi construído o Viaduto do Chá, que recebeu esse nome justamente por conta do cultivo na região.

A citação ao chá, exclusiva ao livro guatemalteco, mostra como as informações presentes nos livros da época poderiam ser condicionadas e picotadas temporalmente, o que acontecia pela carência e rudimentaridade das fontes. As informações sobre São Paulo contidas em um livro poderiam ser diferentes de acordo com o local onde foi produzido, e com as diferentes vivências, contatos e fontes do autor e do editor naquele momento. Além disso, nem sempre essas informações eram correspondentes ao momento atual de São Paulo. Como vimos, de fato o chá foi relevante por um período na cidade de São Paulo, mas não era um grande destaque em 1862, quando da publicação do livro, de qualquer forma, por diferentes possíveis situações, a informação sobre as plantações de chá ficou no livro guatemalteco.

Indo além das atividades econômicas, outro destaque dado ao estado/província de São Paulo presentes nos livros é a educação (ou instrução, como normalmente aparece nos livros da época). Na obra uruguaia “Jeografia de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus paises” São Paulo é caracterizada como uma cidade “instruída” (Córes, 1888, p. 115). Esse destaque se deve principalmente a criação da Faculdade de Direito em 1827

(atual Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo) na capital paulista, sendo o primeiro e mais antigo (junto a Faculdade de Direito de Recife) curso de direito do país. Vemos outra citação, por exemplo, a educação paulista no livro “Elementos de Geografia Universal” de Rafael Sixto Casado. Ao descrever a cidade de São Paulo, o autor cita a “Escuela de derecho” como um dos seus principais destaques.

Figura 14 – Recorte da página 80 do livro “Elementos de Geografia Universal”, de 1863, de autoria de Rafael Sixto Casado



Nota: Acervo da Biblioteca Nacional de Cuba José Martí.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

Além da educação, outro ponto de destaque é a Igreja. Na Figura 14, além da Faculdade de Direito, observamos, por exemplo, a citação ao “Obispado” de São Paulo.

A Igreja Católica era no século XIX uma instituição bastante influente no Brasil e na América Latina, e isso se reflete com a religião aparecendo frequentemente nas obras analisadas. Em muitos livros existe o tópico “Religião” e a religião Católica Apostólica Romana é apontada como oficial do Brasil.

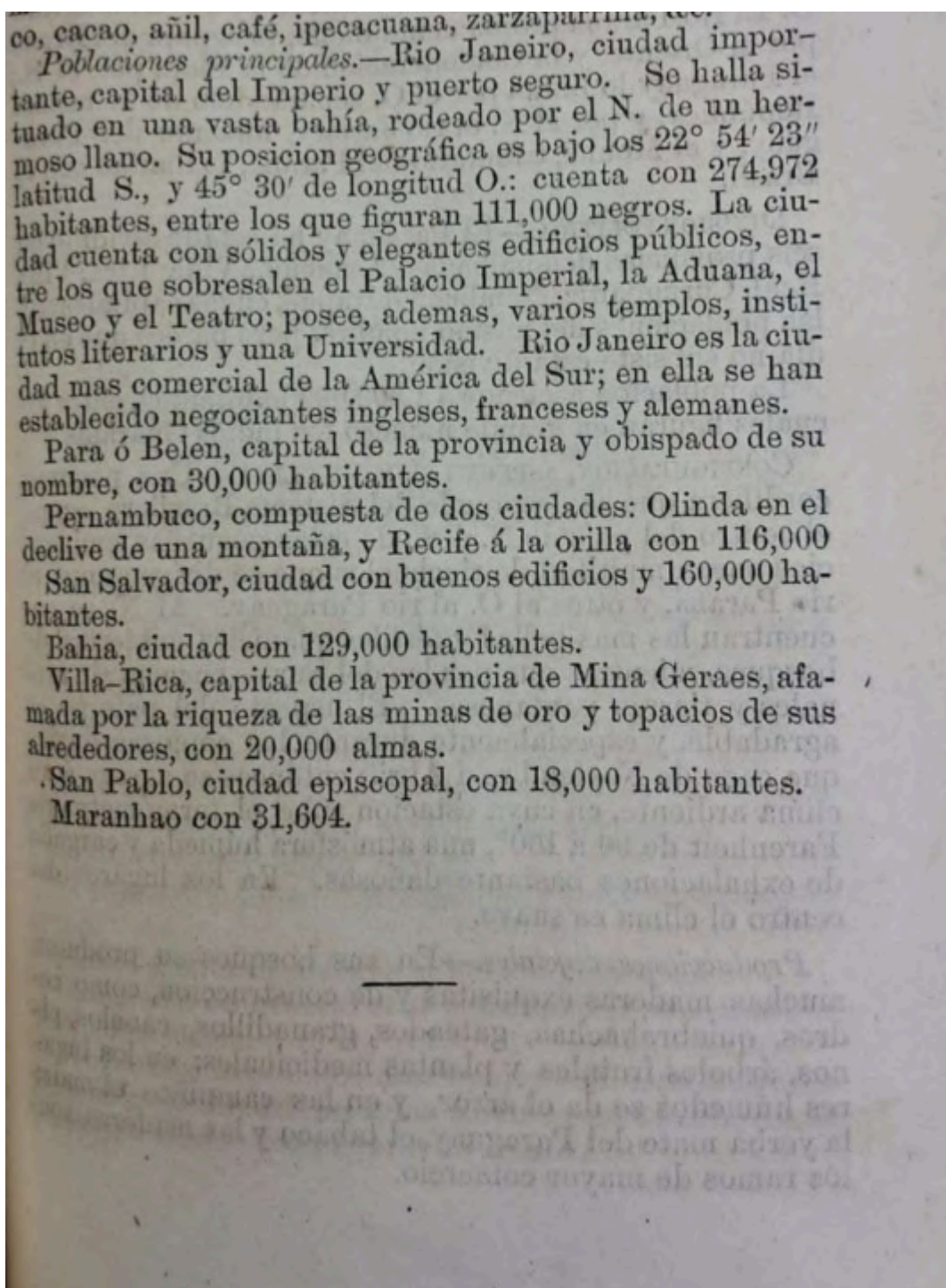
São Paulo, por sua vez, tinha papel importante territorialmente para a Igreja Católica no Brasil no século XIX, pois representava importante ponto de irradiação e convergência de rotas para a conquista do interior (Prado Jr., 1957). Dessa forma, São Paulo contava com um bispo, figura relativamente rara no Brasil naquela época, e sediava a Diocese de São Paulo. Essa Diocese era especialmente importante pois até 1892 era responsável não só pela extensão do território da província paulista, mas também pelos territórios das províncias de Santa Catarina, Paraná e parte do Sul de Minas. (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2025)

Além disso, a Igreja teve importante papel na história e desenvolvimento da cidade de São Paulo. São Paulo foi fundada por indígenas e missionários jesuítas no século XVI (como também mencionado no livro da Figura 14), e no século XIX, as principais edificações da cidade pertenciam à Igreja ou tinham origem nela, como a Matriz da Sé (sede do bispado), o Mosteiro de São Bento, o Pátio do Colégio (marco original da cidade construído por padres

jesuítas e sede do governo paulista no século XIX) e o Convento de São Francisco, convertido em 1827 na Faculdade de Direito.

Essa relação de São Paulo com a Igreja apareceu em algumas obras, como o caso do livro mexicano “Curso Elemental de Geografía Universal”, de 1876, por Antonio García y Cubas. Nele, além da população, a única característica mencionada sobre a capital paulista é sua episcopalidade, como vemos a seguir.

Figura 15 – Recorte da página 283 do livro “Curso Elemental de Geografía Universal”, de 1876, de autoria de Antonio García y Cubas



Nota: Acervo da Biblioteca Nacional do México.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

5.3 Os bandeirantes paulistas nas narrativas históricas dos vizinhos latino-americanos

Muitas das obras analisadas trazem dentro do capítulo sobre o Brasil um breve resumo da história do nosso país. Os autores nomeavam esse resumo de “Geografia histórica”, e destinavam, na maioria dos livros, um tópico para o tema. Nesses resumos

históricos encontramos narrativas que abordam, sob a ótica de nossos vizinhos latino-americanos, a formação do estado/província de São Paulo e do Brasil. Elas dizem respeito ao papel dos judeus e foragidos de Portugal no processo de colonização do Brasil e de São Paulo, além das atividades dos sertanistas paulistas (os bandeirantes) no Sul do continente.

Vemos a seguir o tópico sobre a história do Brasil (em forma de pergunta/catecismo) no livro mexicano “Catecismo de Geografia”, de 1827, por Rudolph Ackermann.

Figura 16 – Conteúdo da página 66 do livro “Catecismo de Geografia”, de 1827, de autoria de Rudolph Ackermann

66 CATECISMO DE GEOGRAFIA.

cion de mas de 135,000 habitantes, de los cuales, los 105,000 son negros; San Salvador, o Bahía, Pernambúco, Pará, Santos, San Pablo, Rio Grande, o San Pedro, Villa Rica, Tejúca, y Cuiba.

P. ¿ Quien descubrio al Brasil ?

R. Aunque varian las opiniones acerca de este punto, segun los datos mas fidedignos, el que descubrio al Brasil fue el Portugués Pedro Alvarez Cabral. Este mismo tomó posesion del país en nombre del rei de Portugal por Abril de 1500.

P. ¿ Cuales son los principales sucesos de la historia de Brasil ?

R. Los Portugueses no enviaron durante mucho tiempo a aquel país sino presidarios, y desterrados. En 1548, se establecieron alli los Judios que habian abandonado el Portugal, perseguidos por la Inquisicion. Algunos años despues se fundó una colonia Portuguesa. En 1624, los Holandeses se apoderaron del país, y se establecieron en San Salvador, de donde fueron espulsados por los Españoles. Los Holandeses, sin embargo, redugeron despues a Pernambuco y otras provincias, y deseosos de aprovecharse de las ventajas que ofrecia el comercio de aquellos países, trataron de ser los unicos dueños de ellos. Mauricio de Nassau debia egecutar este proyecto, y aunque se le opusieron vigorosamente los Portugueses, se hicieron los Holandeses, señores de una gran parte del territorio. La revolucion que arrancó el cetro de Portugal a Felipe IV de España, hizo mudar de aspecto los negocios de Brasil. Los Portugueses establecidos en este país sacudieron el yugo de España, y se hicieron amigos de los Holandeses. Ambos partidos dividieron entre si el terri-

Nota: Acervo da Biblioteca Nacional do México.
 Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque.

Contrariando uma narrativa mais épica e heróica do descobrimento e colonização a qual estamos acostumados, o que vemos na Figura 16, a exemplo de outras obras aqui estudadas, é a história do Brasil contada a partir de sua origem no século XVI como um destino para criminosos, foragidos e desterrados de Portugal.

Além dos criminosos, vemos ainda na Figura 16 uma citação aos judeus desterrados, o que também não foi um caso isolado entre as obras. Na obra argentina de Alfredo Cosson “Elementos de Geografía Física y Política” de 1877, e as duas edições de “Curso Gradual de Geografía Astronómica, Física, Política, Descriptiva é Histórica” de 1887 e 1894 do mesmo autor, contém o seguinte idêntico trecho: “En 1548, los Judíos desterrados de Portugal, tuvieron permiso de retirarse al Brasil, en donde importaron la caña de azúcar” (Cosson, 1877, p. 257). Praticamente o mesmo trecho, escrito com outras palavras, aparece na obra uruguaia “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países” de 1888, de autoria de Francisco Vázquez Córes: “En 1548, los judíos desterrados de Portugal se establecieron en el Brasil llevando allí la caña de azúcar y fomentando su cultivo.” (Córes, 1888, p.). Todas essas citações dizem respeito ao mesmo fato histórico, a fuga em direção ao Brasil dos judeus desterrados pela Inquisição da Igreja Católica no século XVI.

A coroa portuguesa, junto à Igreja Católica, vinha expulsando os judeus desde o século anterior: “Em 1496, D. Manuel, rei de Portugal, decretou que os judeus deveriam ser expulsos do país. Só poderiam ficar os que aceitassem a conversão ao catolicismo, chamados de cristãos novos.” (Carvalho, 2004). Apesar disso, ambos cristãos novos realmente convertidos, ou aqueles que fingiram se converter, continuaram sendo alvo de perseguição na Europa. Dessa forma, judeus ou cristãos novos, eram mais um na lista de foragidos, criminosos e indivíduos, seja por qualquer motivo, banidos dos países europeus, que se refugiavam no Brasil, especialmente vindos de Portugal.

Como apontado nas obras de Francisco Vázquez Córes e Alfredo Cosson, ao chegarem no Brasil eles contribuíram na difusão do cultivo de cana-de-açúcar, que acabou se tornando a principal atividade econômica da colônia até o final do século XVII.

Devemos aceitar e concordar com os historiadores que afirmam a imediata presença dos cristãos-novos que receberam a concessão de explorar comercialmente o pau-brasil, e o papel que desempenharam na cultura da cana-de-açúcar que foi, de início, o principal produto da economia colonial na faixa litorânea brasileira. (Falbel, 1999, p. 113-114).

Muitos desses desterrados, criminosos e judeus vieram para a capitania hereditária de São Vicente e tiveram papel importante na formação das primeiras vilas paulistas, inclusive na fundação de São Paulo (Falbel, 1999, p. 114). Esse fato histórico é, por muitas vezes, negado ou omitido na história brasileira e paulista contatada nos livros didáticos do Brasil e no imaginário coletivo popular brasileiro, com a fundação e constituição da cidade de São Paulo e sua região sendo apenas creditada aos padres jesuítas e grupos indígenas.

Esses indivíduos e seus descendentes também compuseram as primeiras frotas dos sertanistas paulistas que entre o século XVI a XVIII foram responsáveis por promover expedições e incursões denominadas Bandeiras. Nomes famosos, hoje tidos até como heróis da história brasileira e paulista, eram descendentes dos judeus perseguidos pela Inquisição: “Entre os bandeirantes, eram cristãos novos Raposo Tavares, Fernão Dias Paes e Brás Leme.” (Carvalho, 2004).

Atualmente esses sertanistas paulistas são popularmente denominados bandeirantes, mas o termo “bandeirante” não existia antes do fim do século XIX (Veiga, 2020). A invenção do termo faz parte de uma progressiva construção de narrativa promovida por círculos literários e intelectuais da elite paulista que enaltece os bandeirantes paulistas como líderes do processo de construção territorial do Brasil (Camargo, apud Veiga, 2020).

Eles partiam da premissa de que os bandeirantes adentraram o interior do continente sob o propósito de explorar e devassar bravamente terras desconhecidas, além de buscar por riquezas minerais, como ouro e prata. Esse foi o princípio que serviu de base historiográfica para a narrativa heróica paulista bandeirante, e não é necessariamente falso, mas omite os principais objetivos e atividades das incursões bandeirantes, menos nobres por sua vez. As Bandeiras serviram, em muitos casos, para capturar e escravizar indígenas, além de encontrar e eliminar quilombos, a fim de receber recompensas e vender escravizados fugitivos.

Essa narrativa do bandeirante herói começou a ser construída a partir da ascensão econômica paulista no fim do século XIX e início do XX por conta da necessidade de uma base historiográfica que desse sentido a esse novo papel de São Paulo no cenário nacional.

Faltava um 'herói' para dar mais consistência a uma tese de que desde o passado São Paulo já estava à frente das demais capitanias. Assim, alguns historiadores deram início a esse processo de glorificação do passado paulista e a figura que mais se adequava era a dos sertanistas. Forte, corajoso, guerreiro. (Camargo, apud Veiga, 2020).

Como sabemos, a História e Geografia escolares brasileiras foram amplamente utilizadas para reforçar essa narrativa, especialmente durante o século XX, mas até os dias atuais, cumprindo, dentro deste contexto, com sua finalidade enquanto disciplina escolar.

Os manuais escolares, a despeito do seu papel de «reprodução dos valores» da sociedade, em nome da «regulação» e da «manutenção» da ordem social através da inculcação desses mesmos ideais desde tenras idades, serviram não raras vezes para propagandear e impor uma determinada forma de compreender e explicar o mundo e o próprio país. (Pinto, 2009, p. 3)

Entretanto, os livros didáticos analisados na presente pesquisa estão engendrados em outro espaço e tempo, e por isso, em outros projetos de sociedade e de educação, com finalidades distintas e próprias de sua Geografia escolar. Como afirma Silva (1995, p. 9) “A educação institucionalizada representa uma espécie de condensação do social, em cima da qual, os diferentes grupos sociais refletem e projetam suas visões e expectativas.”. Consequentemente podemos encontrar narrativas diferentes nessas obras, que nos contam uma outra história sobre São Paulo.

Em parte, essa outra história de São Paulo já foi constatada através do fato de que o estado/província de São Paulo aparece nas obras analisadas sempre com papel secundário entre as capitanias e províncias brasileiras, contrariando a ideia de que “...desde o passado São Paulo já estava à frente das demais capitanias.” (Camargo, apud Veiga, 2020). Já quanto aos bandeirantes, de fato parecem ter deixado marcas na história dos vizinhos latino-americanos, visto as constantes citações ao grupo, entretanto, não são vistos com os mesmos bons olhos, como veremos.

A fama dos cristãos-novos paulistas como implacáveis predadores de índios, nesse tempo, estava estabelecida, e suas incursões provocam reações de parte dos clérigos e religiosos dos territórios vizinhos da região do Prata que por vezes solicitam a instalação da Inquisição no Brasil, também devido à sua presença e ao êxodo provocado pela visita (21). Obviamente, agora seus interesses econômicos eram bem mais amplos e se voltavam também para a região do Peru e das minas de prata de Potosi, cujos mandatários tinham a mesma preocupação em relação aos portugueses que por lá andavam. (Falbel, 1999, p. 116)

Não à toa, os bandeirantes são citados nas obras dos dois países da região do Prata estudados na presente pesquisa, Argentina e Uruguai. A obra argentina de Alfredo Cosson

“Elementos de Geografía Física y Política” de 1877, e as duas edições de “Curso Gradual de Geografía Astronómica, Física, Política, Descriptiva é Histórica” de 1887 e 1894 do mesmo autor, contém o seguinte idêntico trecho:

En 1524, algunos aventureros formaron en la isla de San Vicente y Santa-Catalina, un establecimiento que, reclutado con los presidiarios y desterrados que el gobierno portugués mandaba cada año al Brasil, vino á formarse esa temible asociación conocida después con el nombre de Mamelucos y Paulistas, que asolaron por mucho tiempo las posesiones españolas situadas al Oriente de los ríos Paraná y Uruguay.” (Cosson, 1877, p. 257).

Se há pouco discutíamos o caráter heróico dos bandeirantes, em seus livros Cosson apresenta-os, em contrapartida, como vilões, demonstrando o temor que esse grupo causava na região do Prata. É claro que por trás da narrativa de Cosson também há razões políticas e ideológicas, afinal a Geografia escolar argentina do século XIX, enquanto parte de um projeto de sociedade, também cumpria seus objetivos dentro de seu contexto. Como ainda veremos, as disputas políticas, econômicas e territoriais entre Argentina, Uruguai e o Brasil influenciaram os conteúdos e narrativas presentes nos livros.

Ademais, Cosson aponta a origem do grupo a partir de criminosos e desterrados, informação também ignorada pelo mito paulista do bandeirante herói, e os denomina “Mamelucos y Paulistas”, corroborando o dado de que o termo “bandeirante” é uma invenção paulista do século XX.

O livro uruguaio “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, de 1888, de autoria Francisco Vázquez Córes, apresenta um trecho com informações semelhantes a de Cosson, indicando talvez a utilização de uma mesma fonte:

En 1524 Portugal envió al Brasil varios presidiarios y criminales formando com ellos establecimientos en la isla de Santa-Catalina y otros puntos. De estos establecimientos salieron los llamados mamelucos y paulistas, que eran verdaderas hordas de forajidos que durante mucho tiempo asolaron las colonias españolas del Rio de la Plata, robando ganados, arrebatando indios para venderlos como esclavos, y cometiendo todo jénero de depredaciones. (Córes, 1877, p. 110).

A principal diferença deste trecho para o de Cosson fica na maior especificação das atividades ilegais praticadas pelos bandeirantes. Córes cita o roubo de gado, o que é bastante

relevante dentro do contexto político e econômico uruguaio, visto que a pecuária era a principal atividade econômica do país no século XIX. Além disso, nesse trecho Córes também especifica e condena a captura e escravização dos indígenas, o que pode ter sido motivado pelos ideais liberais e republicanos do autor⁵.

Já no livro “Catecismo Geográfico – Politico é Histórico de la Republica del Uruguay”, de 1850, por D. Juan Manuel de La Sota, as citações aos bandeirantes são encontradas na página 26, quando o autor lista as populações que viviam nos limites entre Brasil e Uruguai, citando as reduções jesuíticas, como vemos a seguir.

Figura 17 – Conteúdo da página 26 do livro “Catecismo Geográfico – Politico é Histórico de la Republica del Uruguay”, de 1850, de autoria de D. Juan Manuel de La Sota

⁵ Ver seção 5. 4.

P. Y ¿entre estos límites existían algunas poblaciones ?

R. Los siete Pueblos de Misiones Jesuíticas, San Francisco de Borja (A) San Nicolás (B) San Luis Gonzaga (C) San Juan Bautista (D) San Miguel (E) San Loren-

(A) Fué colonia del pueblo de Santo Tomé.

(B) El Padre Roque Gonzalez Ampuera, dió principio á esta reduccion en 1626: y aunque por las irrupciones de los Paulistas, se trasladó al otro lado del Uruguay, en Febrero de 1687 se trasladó á su lugar primitivo, sobre el arroyo Piratiní al Oriente del Uruguay.

(C) Fué fundado en una de las primeras vertientes del Rio Gran de de San Pedro sobre el Igay. En 1637 en Caazapá-miní. Sus pobladores fueron los restos del pueblo de San Pedro y San Pablo de Caaguazú, en los Itatines, y de Jesus María del Ibitucararay y de la Visitacion de la Virgen del Capy, destruidas por los Mamelucos,

(D) Colonia de San Miguel, separada en 1693.

(E) Fué fundada en la Sierra del Tapé con 5,000 Indios, que catequizó el Padre Cristóval de Mendoza en 1632. Por las invasiones de los Paulistas ó Mamelucos trasmigró al Occidente del Uruguay y en 1687 pasó al Oriente, donde se halla.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional do Uruguai.

O autor destaca as invasões e destruições das reduções jesuíticas praticadas pelos bandeirantes, que são chamados ora de “Paulistas”, ora de “Mamelucos”, ou então “Paulistas ó Mamelucos”, sem caracterizar o grupo de sertanistas ou avaliar seus objetivos. Como sabemos, as reduções jesuíticas eram compostas em sua maioria por indígenas, dessa forma, para os bandeirantes o ataque a essas reduções era altamente rentável, pois assim capturavam

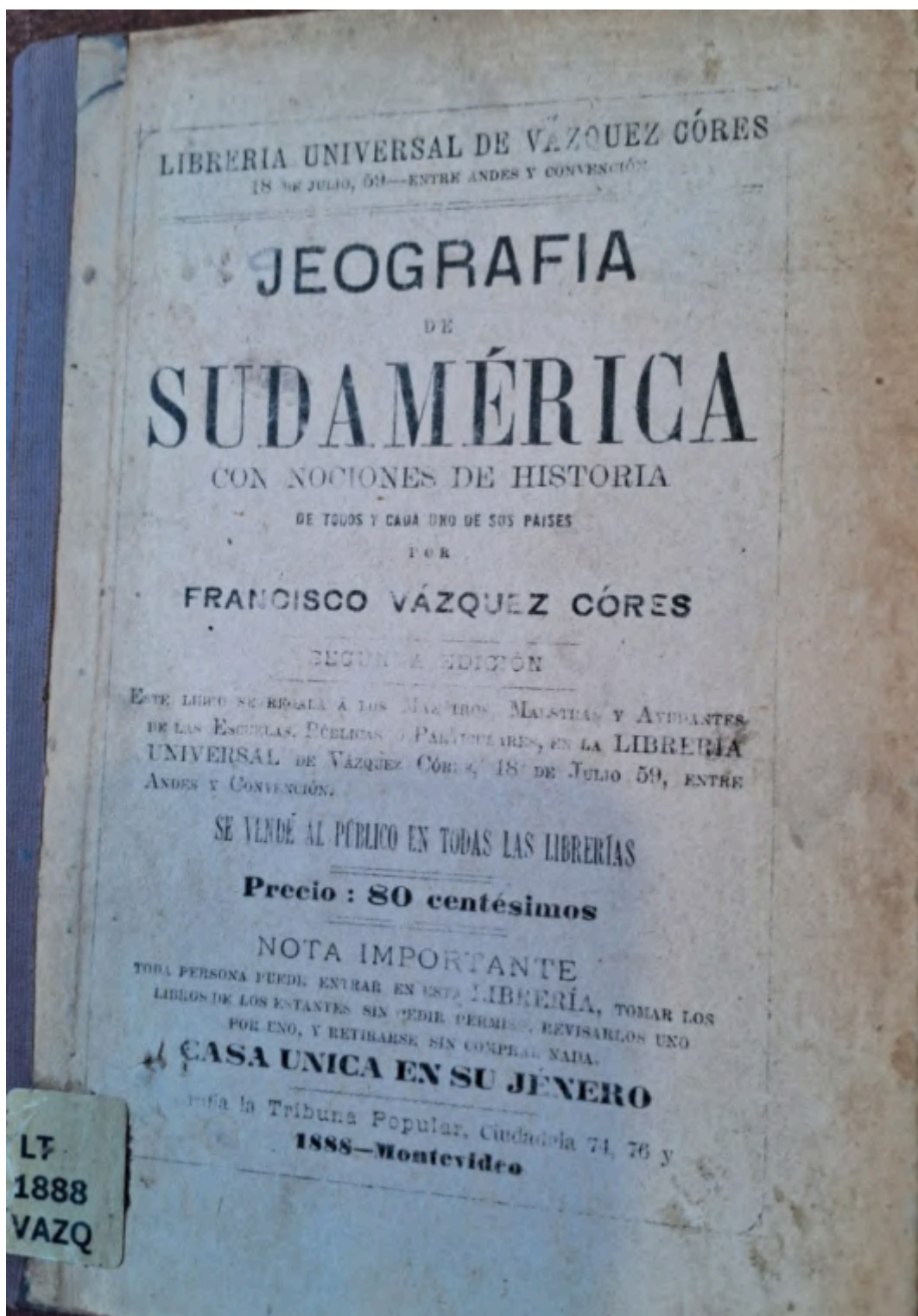
uma grande quantidade de indígenas para escravizar ou vender. Sem discordar dos propósitos econômicos envolvidos nesses ataques, para Novinsky (Carvalho, 2004) eles também eram fruto de uma rivalidade entre bandeirantes e jesuítas proveniente das raízes judaicas dos bandeirantes, visto que os jesuítas eram comissários da Inquisição na América. "Há razões ideológicas na fúria dos bandeirantes contra a igreja. Ela representava a força que tinha destruído suas vidas e confiscado seus bens em Portugal" (Novinsky, apud Carvalho, 2004).

Diferentemente das outras obras analisadas neste estudo, as citações aos bandeirantes no livro de La Sota (Figura 17) aparecem em meio a descrição da geografia uruguaia. Esta obra é, na verdade, destinada a apresentar conteúdos exclusivamente sobre o Uruguai, sem seções para outros países. Isso denota a importância que os bandeirantes tiveram na história e formação dos países sul-americanos.

5.4 O caso da obra “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países” de Francisco Vázquez Córes

O livro uruguaio de Francisco Vázquez Córes “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, publicado em 1888, é um dos mais citados na nossa pesquisa. Isso ocorre pois entre os livros aqui estudados ele é um dos que mais traz informações sobre o estado/província de São Paulo, além de contar com uma interessante e incomum abordagem didática, onde propõe uma regionalização da América do Sul, valiosa para a nossa análise, como vimos anteriormente.

Figura 18 – Capa do livro “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, de 1888, de autoria de Francisco Vázquez Córes



Nota: Acervo da Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque.

A exemplo do conjunto das obras analisadas, Córtes trata o estado/província de São Paulo como um personagem secundário no cenário brasileiro do século XIX, entretanto, conforme mencionado anteriormente, a descrição da capital paulista destoa nesse sentido:

“San-Paulo, en el interior, con 40 mil almas, fundada por los célebres paulistas, bella, rica, instruída y famosa por ser centro de la gran actividad de aquellos hombres aventureros, enérgicos é industriosos;” (Córes, 1888, p. 115). A descrição se assemelha e até corrobora em alguns elementos com a narrativa do bandeirante paulista herói debatida anteriormente. Afinal, a ideia de uma São Paulo rica, fruto da grande atividade dos aventureiros, enérgicos e industriosos paulistas, vai de encontro com o discurso proposto pela elite intelectual paulistana durante sua ascensão econômica e política.

É difícil afirmar de forma definitiva o que levou Córes a escrever essa conspícua descrição de São Paulo. Entretanto, a partir da bibliografia disponível sobre o autor, é possível detectar indícios que sugerem uma simpatia pelos paulistas, ao menos no campo político.

Francisco Vázquez Córes era republicano, abolicionista e liberal fervoroso, e foi perseguido por conta de seus ideais na Espanha, seu país de origem, o que o levou a emigrar para o Uruguai. No Uruguai, enquanto imigrante europeu, teve forte atuação entre grupos e centros de imigrantes galegos e espanhóis (Sellés, 2018, p. 1-2). Dessa forma, sua posição política se assemelha com a da elite paulistana, que viu no Brasil a proclamação da república, a abolição da escravatura, e a imigração europeia os pontos de partida para sua ascensão e dominação no campo econômico e político brasileiro.

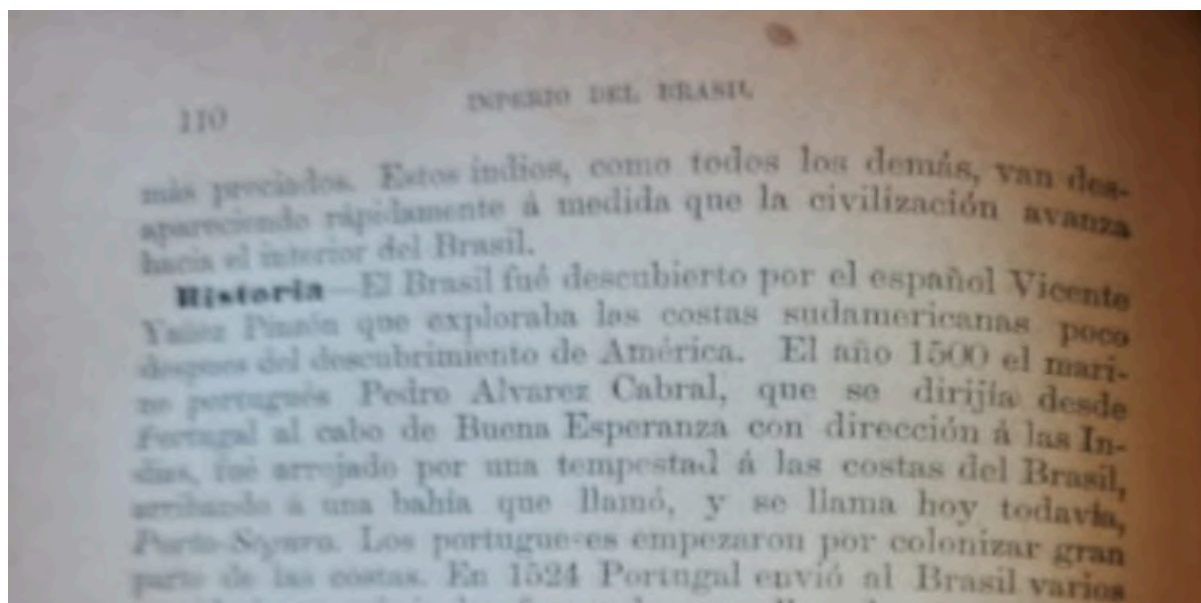
Não é possível afirmar de forma definitiva que Córes propiciou em seu livro um discurso positivo para os paulistas por conta de sua simpatia política, entretanto, encontramos diversos indícios de que suas posições políticas influenciaram em grande medida os conteúdos e narrativas presentes em sua obra. Como afirma Michael Apple (1986) “Os livros de texto não são apenas sistemas de transmissão de dados. São, igualmente, resultado de atividades, conflitos e compromissos políticos, econômicos e culturais. Estão concebidos, estruturados e escritos por pessoas reais com interesses reais” (p. 110).

Constatamos isso através da deliberada comemoração da abolição da escravatura no Brasil (Córes, 1888, p. 109) vista na Figura 05, a citação ao forte e ilustre partido republicano do Brasil presente na página 102 (Córes, 1888), além da exaltação dos imigrantes europeus como responsáveis por aumentar a riqueza e a civilização na América do Sul, condicionando seu grande progresso na página 32 (Córes, 1888).

Podemos citar ainda o crédito dado por Córes ao espanhol Vicente Yáñez Pinzón como descobridor do Brasil, em detrimento de Pedro Álvares Cabral, a quem o feito normalmente é creditado. Essa disputa narrativa pela descoberta do Brasil, também presente em livros mexicanos e cubanos, como veremos mais à frente, tem a ver com uma disputa

histórica de hegemonia entre espanhóis (e colonos espanhóis) e portugueses (e colonos portugueses) na América Latina. Devemos notar ainda que no caso de Córes, sua origem espanhola e sua forte ligação com grupos de imigrantes espanhóis também pode ter influenciado na escolha dessa narrativa.

Figura 19 – Recorte da página 110 do livro “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, de 1888, de autoria de Francisco Vázquez Córes



Nota: Acervo da Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

6. Análise comparativa entre as narrativas sobre Brasil presentes nas edições destinadas a cada país

Como afirmam Del Gáudio e Braga (2015, p. 194) uma das principais funções historicamente atribuídas à Geografia escolar desde sua institucionalização no século XIX era constituir a identidade nacional. Justifica-se, portanto, o maior afinco que as obras notadamente demonstraram para apresentar conhecimentos referentes ao território nacional.

Contudo, a construção de uma identidade nacional se faz imbuída a um cenário continental e global, que por sua vez, também precisa ser construído. “O reconhecimento social da disciplina era manifestado no conhecimento do território de seu país e do mundo. Esse saber tornou-se sinônimo de Geografia.” (Maia, 2014, p. 156). Dessa forma, na maior parte das obras analisadas, os conteúdos dedicados a outras nações (normalmente denominados “Geografia universal”) não foram negligenciados. Dentro de uma narrativa essencialmente eurocêntrica, os países europeus, vistos como antro do clássico, culto e superior, recebem maior esmero. Entretanto, por relevância geográfica e política, países vizinhos ou próximos (como era o caso do Brasil para a maioria dos países latino-americanos), também recebiam maior atenção em sua abordagem.

Como era de se esperar, essa abordagem se construía a partir de uma visão que vinha de dentro para fora. Ou seja, em um livro argentino, por exemplo, a visão de Brasil era constituída a partir de uma perspectiva argentina, e dessa forma influenciada por relações políticas, sociais, culturais e econômicas que a Argentina mantinha com o Brasil no século XIX.

O modo como os manuais escolares têm sido concebidos, a escolha dos seus conteúdos e bem assim os valores que têm reproduzido, devem ser vistos sempre como um «produto» do tempo em que foram publicados e utilizados nas salas de aulas, e devem ser analisados à luz do contexto histórico em que «viveram»... ..Escusado será pois dizer que os manuais escolares são fruto de condicionalismos políticos, sociais, culturais e económicos. Os manuais escolares também são um «sub-produto» directo dos regimes políticos durante os quais vigoraram ou vigoram, isto é, durante os quais foram adoptados (Pinto, 2009, p. 2-3).

Dessa forma, durante a leitura e análise das obras aqui analisadas, pudemos identificar características específicas no que diz respeito ao conteúdo sobre Brasil que variavam de acordo com o país ao qual a obra foi destinada. Com isso em vista, neste capítulo nos

dedicamos a descrever, comparar e interpretar essas características, debatendo as condicionantes políticas, econômicas, ideológicas, e geográficas por trás delas.

6.1 Edições destinadas à Argentina

Sabemos que no século XIX Brasil e Argentina, recém declarados independentes, já travavam disputas no campo político e econômico, algumas herdadas da antiga relação hispano-lusitana no continente. Com interesses econômicos em comum, os dois maiores países do continente competiam por hegemonia na América do Sul, especialmente na Região do Prata. A Guerra da Cisplatina enquanto conflito direto entre os dois países marcou essa relação no século XIX. Essa rivalidade se traduziu nas narrativas presentes nos livros didáticos argentinos, com as disputas territoriais sendo bastante pautadas.

Vemos, por exemplo, no livro “Elementos de Geografía Física y Política” (1877) por Alfredo Cosson, em um tópico destinado a detalhar a história do Brasil, duas citações a essa disputa. Primeiro, o autor explica e condena os avanços territoriais promovidos no passado pela associação criminosa dos “Mamelucos y Paulistas” (bandeirantes). Mais adiante, Cosson destaca como a disputa por posses já era travada entre os dois países na região do Rio da Prata quando ainda eram colônias, como vemos a seguir.

Figura 20 – Conteúdo da página 257 do livro “Elementos de Geografía Física y Política”, de 1877, de autoria de Alfredo Cosson

Esperanza, en un viaje á las Indias orientales, fué arrojado por las corrientes y los vientos alisios sobre la costa este del continente sur americano. Fondeó en una bahía que llamó *Porto Seguro*. Tomó los datos necesarios, y continuó su viaje despues de haber despachado á uno de sus oficiales para que diera parte al rey de Portugal de su hallazgo y toma de posesion del país que llamó *Santa Cruz*, denominacion que luego fué cambiada en la de *Brasil*, del nombre de la madera roja que allí abundaba.—De 1516 á 1539 los Portugueses colonizaron gran parte de las costas orientales.—En 1524, algunos aventureros formaron en las islas de San Vicente y Santa Catalina, un establecimiento que, reclutado con los presidarios y desterrados que el gobierno portugués mandaba cada año al Brasil, vino á formar esa temible asociacion conocida despues con el nombre de Mamelucos y Paulistas que asolaron por mucho tiempo las posesiones españolas situadas al oriente de los rios Paraná y Uruguay.—En 1548, los Judíos desterrados de Portugal, tuvieron permiso de retirarse al Brasil, en donde importaron la caña de azúcar.—De Souza, hombre de gran talento, nombrado gobernador general, dió importancia á la Colonia y fundó en 1549 el pueblo de San Salvador en la Bahía de Todos los Santos.—En 1580, la conquista de Portugal por Felipe II dió á los Españoles la posesion momentánea del Brasil, que, invadido y conquistado en parte por los Holandeses en 1624, consiguió librarse pronto de sus invasores, y volver bajo el dominio de su antigua metrópoli que, en 1640, sacudió el yugo de España, y llamó al trono la familia de Braganza.—Desde aquella época, entró el Brasil en una via rápida de adelantos materiales, ambicionando desde entonces extender sus posesiones hasta la márgen izquierda del Rio de la Plata, motivo de continuas pendencias entre las dos colonias limítrofes.—Invadido el Portugal por los Franceses en 1807, la familia real se trasladó á América y estableció su corte en Rio Janeiro, cesando desde luego el Brasil de ser colonia y gozando de todos los derechos, franquicias y privilegios de la metrópoli.—En 1817, aprovechó la oportunidad del desquicio originado por las pasiones de partido en la Banda Oriental para introducirse como protector,

Nota: Acervo da Biblioteca Nacional de Maestras y Maestros.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

Na página seguinte, o autor comenta a disputa pela Cisplatina, atual território do Uruguai:

En 1817, aprovechó la oportunidad del desquicio originado por las pasiones de partido en la Banda Oriental para introducirse como protector, y luego declarar (1821) el territorio Oriental anexo al Brasil con el nombre de Provincia Cisplatina... Ya desde 1828, el Brasil había tenido que evacuar la Banda Oriental, y reconocer su Independencia, después de una lucha desesperada de tres años. (Cosson, 1877, p. 257-258).

Esses trechos também se repetem nas duas edições de “Curso Gradual de Geografía Astronómica, Física, Política, Descriptiva é Histórica” de 1887 e 1894 do mesmo autor, e mostram a preocupação de Cosson com as disputas travadas entre os dois países ao detalhar as sucessões do conflito.

Já na obra “Lecciones de Geografía para los niños y niñas de primeras letras ó sea Introduccion á los Elementos de Geografía” de 1877, Asa Smith faz questão de destacar que o Brasil é a “única monarquía que existe en el Nuevo-Mundo” (Smith, 1877, p. 38), e uma das únicas “naciones cristianas que tiene esclavos” (Smith, 1877, p. 38). Frase quase idêntica a de Asa Smith se repete no livro “Lecciones de Geografía para las Escuelas Comunes” (1885), por Francisco Guerrini: “El Brasil es un Imperio. Es la única monarquía que existe en el Nuevo Mundo.” (Guerrini, 1885, p. 80*bis*). A oposição criada pelos autores entre as palavras “monarquía” e “Nuevo-Mundo” no primeiro trecho, e entre “cristianas” e “esclavos” no segundo trecho, indica um Brasil atrasado e imoral, uma exceção no Novo Mundo. Essa narrativa construída, do Brasil como um país que destoa na América por seu caráter atrasado e imoral, corrobora com os interesses argentinos de protagonismo no sul do continente.

Dessa forma, os livros didáticos argentinos se destacam por conter uma visão mais crítica em relação ao Brasil, especialmente se comparado com edições de outros países. Os elementos encontrados nos livros sugerem que a rivalidade entre brasileiros e argentinos, alimentada e difundida nas obras, é uma construção inclusive anterior ao século XIX.

6.2 Edições destinadas ao Chile

As obras chilenas, por sua vez, ausentam qualquer tom crítico ao Brasil e a sua política, e também não salientam nenhuma das disputas territoriais travadas no continente pelos brasileiros. Quanto aos bandeirantes, que nunca chegaram a ameaçar territórios

chilenos, sequer são citados em quaisquer das 5 edições chilenas analisadas. Dessa forma, os livros didáticos chilenos são quase que a antítese do que mostramos em relação aos argentinos.

Isso se explica, em grande parte, pela relação cordial que Brasil e Chile mantinham no século XIX. Ambos países mantinham recorrentes disputas territoriais com a Argentina e vinham nela um inimigo em comum.

Ao longo do II Reinado no Brasil, nossas relações internacionais com o Chile foram excessivamente cordiais, não tanto em função do intercâmbio comercial, aliás bastante limitado, mas principalmente devido aos interesses geopolíticos na América do Sul, visto que a política exterior do Império e a política externa chilena viam na Argentina um fator de desequilíbrio continental, além de um foco permanente gerador de tensões. Assim, apesar das marcadas diferenças institucionais e de organização sócio-econômica existentes entre o Brasil e o Chile, estes dois países percebiam-se como “aliados naturais” para conter o “perigo” argentino, o que justificou e sustentou a mencionada cordialidade. (Tonelli, 2016, p. 151).

Na obra “Manual de Geografia” (1864), por José Santos Tornero, podemos notar uma clara diferença de tratamento dado ao regime brasileiro, se posto em comparação com o que observamos nas obras argentinas. Como vemos na Figura 21, ao citar que o Brasil é uma monarquia, o autor destaca a participação dos deputados na política, eleitos, segundo Tornero, pelo povo. O caráter imoral e atrasado que as obras argentinas indicavam não se configura, assim como a crítica ou sequer a menção a escravatura que também não aparecem em nenhum livro chileno estudado.

Figura 21 – Recorte das páginas 141 e 142 do livro “Manual de Geografia”, de 1864, de autoria de José Santos Tornero

7. **Gobierno.** El gobierno del Brasil es monárquico representativo, porque el monarca, llamado emperador, rije el Estado con una asamblea compuesta de una

— 142 —

cámara de senadores, que él elije, y otra de diputados, elejidos cada cuatro años por el pueblo. La lengua portuguesa es la nacional.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional do Chile (recorte elaborado pelo autor).

6.3 Edições destinadas ao Uruguai

O Uruguai tem sua origem imbricada a disputa territorial entre Brasil e Argentina, e sua emancipação só se deu após anos de conflitos entre espanhóis, portugueses, argentinos, brasileiros, e até britânicos pela hegemonia da região. O Uruguai foi inclusive uma província brasileira entre 1821 e 1828, tendo sua independência proclamada após um acordo entre Brasil e Argentina para o fim da Guerra Cisplatina. Dessa forma, é evidente que as questões dessa disputa territorial estão presentes nos livros didáticos uruguaios de Geografia do século XIX.

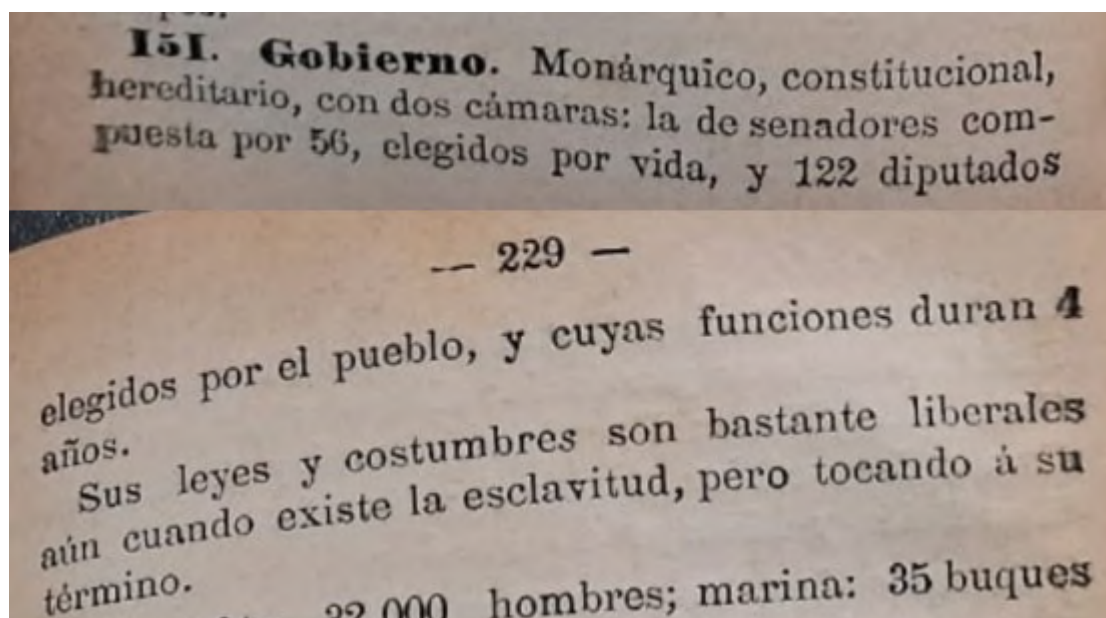
Em seu livro “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”(1888) Francisco Vázquez Córes demonstra essa preocupação territorial algumas vezes ao narrar a história do Brasil: “Los portugueses ambicionaban los territorios del Plata, y á este objeto invadieron varias veces el territorio perteneciente á los españoles, pero siempre fueron rechazados por estos y por los naturales del País.”(Córes, 1888, p. 110). Durante o texto, o autor cita também as incursões dos “Mamelucos y Paulistas” (bandeirantes), que como já mostramos anteriormente, eram vistos como criminosos que assolavam as colônias espanholas.

Nos livros didáticos uruguaios dedicados a abordar apenas a geografia uruguiaia, também vemos algumas citações aos portugueses e brasileiros por conta de suas intervenções

no território uruguaio. Exemplo disso foi o que vimos no livro de D. Juan Manuel de La Sota “Catecismo Geográfico – Politico é Histórico de la Republica del Uruguay”(1850), quando indica as invasões e destruições das reduções jesuíticas praticadas pelos “Paulistas ó Mamelucos” (bandeirantes), como já vimos anteriormente na Figura 17.

Apesar de narrar algumas das intervenções portuguesas e brasileiras em seu território, os livros uruguaio não são críticos ao Brasil como os argentinos. Podemos ver no livro de José A. Fontela “Geografia Universal de la república”(1885) na Figura 22, por exemplo, como a descrição era muito mais amena do que em relação aos livros argentinos, em questões como a escravidão e o regime monárquico.

Figura 22 – Recorte das páginas 228 e 229 do livro “Geografia Universal de la república”, de 1885, de autoria de José A. Fontela



Nota: Acervo da Biblioteca Nacional do Uruguai.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

Outra preocupação dos uruguaio recorrente nos livros didáticos é a febre amarela. O Uruguai sofreu com epidemias de febre amarela no século XIX, os surtos da doença ocorreram em 1857, 1872 e 1873 e teriam entrado no país com navios ou passageiros procedentes de portos brasileiros, especialmente do Rio de Janeiro, causando pânico na população e na imprensa uruguaia, que propalava contra a precária saúde e fiscalização brasileira (Chaves, 2013).

Essa preocupação pode ser observada nos livros didáticos uruguaios analisados na presente pesquisa, como no livro de José A. Fontela “Geografía Universal de la república”(1885). No capítulo sobre o Brasil, o tópico “Clima y Producciones”, destaca que no “Rio Janeiro la fiebre amarilla reina endémicamente y reviste caracter epidémico en ciertas épocas del año.”

Já no livro de Francisco Vázquez Córes “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”(1888), ao abordar o Brasil o autor dedica uma página e meia ao tópico “Clima”, onde podemos encontrar citação a febre amarela, segundo o autor, endêmica em toda costa do Rio de Janeiro ao Norte brasileiro, como vemos a seguir.

Figura 23 – Conteúdo da página 105 do livro “Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países”, de 1888, de autoria de Francisco Vázquez Córes

Clima—El Brasil está cortado al Norte por el Ecuador. Casi todo su territorio se halla comprendido en la Zona Tórrida, y solo una pequeña parte del Sur queda en la Zona Templada. Por esta razón el clima del Brasil es sumamente cálido. A esto se agrega que la Llanada del Amazonas y Norte de la del Plata, que constituyen casi todo el Brasil, son muy bajas, es decir, que están casi al nivel del Mar, y esto hace que el calor sea allí insoportable. Lo mismo sucede en toda la costa. Al mismo tiempo el clima en esas rejiones es muy húmedo debido á los innumerables rios que surcan el suelo, á la proximidad del Océano y á los vientos alisios que soplan del Este cargados de partículas acuosas. El excesivo calor y la humedad descomponen las sustancias orgánicas, vejetales y animales, y sus emanaciones corrompen el aire enjendrando la fiebre amarilla, que es endémica en toda la costa desde Rio-Janeiro hasta el Norte del Imperio, en la mayor parte del rio Amazonas y en casi todos sus afluentes, recrudesciendo en el Verano y causando numerosas victimas, sobretudo en los extranjerios: tambien hay fiebres intermitentes y otras enfermedades peligrosas. En las comarcas citadas son sumamente agradables las mañanas, debido á la frescura que producen los vientos alisios y la rápida evaporación del agua, pues, como sabemos por una ley fisica, toda evaporación dá por resultado un descenso de temperatura. Despues de las ocho de la mañana el calor se deja sentir de una manera sofocante hasta el estremo de hacerse insoportable. En las mesetas del Este, en las de Parima y en las de la Cordillera Trasversal, como son elevadas sobre el nivel del Mar, el clima es templado y sano, y en muchas de ellas sumamente agradable. Tambien lo es en el Sur, en la parte comprendida en la Zona Templada. Por estas causas la población se aglomeró en las mesetas y en el Sur con preferencia á los otros llanos y partes bajas, siendo la Rejión del San-Francisco y las comarcas del Sur las más pobladas y ricas del Brasil; y, si tambien existe mucha población en las costas, es por la necesidad de tener puertos de embarque y desembarque para el comercio y la vida civilizada, aun á trueque de sufrir los rigores del calor y las enfermedades. Las lluvias son, por lo jeneral, abundantes en el Brasil, pero hay ocasiones en que las sequías son en algunos puntos tan prolongadas y espantosas que se secan los rios y arroyos, desaparece toda vejetación, mueren todos los animales y perecen de hambre millares de personas. Reasumiendo: podemos decir que el clima del Brasil

Nota: Acervo da Biblioteca Nacional do Uruguai.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque.

6.4 Edições destinadas ao México e Cuba

Em comparação com os outros países estudados, México, Guatemala e Cuba tinham uma relação mais distante com o Brasil no século XIX, muito por conta da distância geográfica. Como vimos anteriormente, nos livros didáticos analisados desses países foram onde mais se encontraram equívocos nas informações sobre o Brasil, o que denota um pouco da dificuldade e da pouca frequência de troca de informações entre esses países com o Brasil. Dessa forma, foi notadamente mais difícil perceber padrões de narrativa nas edições desses países, visto que os conteúdos sobre o Brasil contém erros e são, em geral, mais enxutos e variados. Entretanto, podemos observar algumas características específicas dos livros mexicanos e cubanos que valem ser citados. Quanto à obra guatemalteca, não foi possível analisar visto que tivemos acesso a uma única edição destinada a este país.

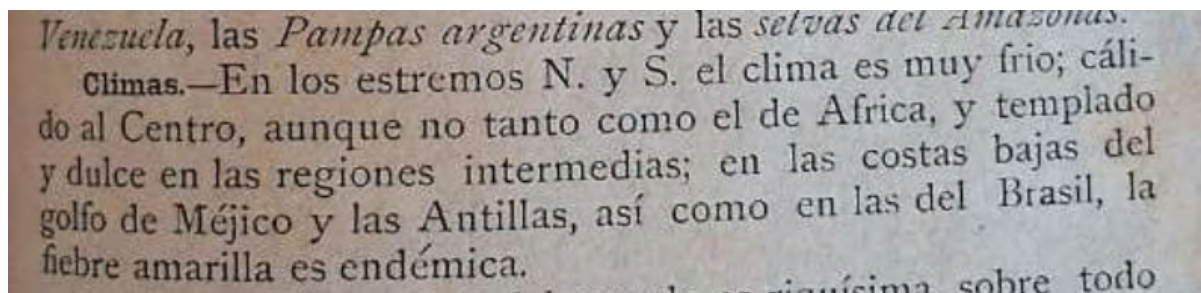
Em relação ao descobrimento do Brasil, assim como na obra do uruguaio Francisco Vázquez Córes, encontramos alguns livros mexicanos e cubanos disputando essa narrativa em favorecimento do espanhol Vicente Yáñez Pinzón. O livro mexicano, por exemplo, “Catecismo de Geografía, con un mapa mundi” (Ackermann, 1827) ao abordar esse tema destaca que “varian las opiniones acerca deste punto” (Ackermann, 1827, p. 66).

Já o livro cubano “Elementos de Geografía Universal”, de 1863, por Rafael Sixto Casado, credita a ambos Vicente Yáñez Pinzón e Pedro Álvares Cabral o descobrimento do Brasil, mas com o nome do espanhol vindo à frente (Casado, 1863, p. 76). Vale destacar que na maior parte do século XIX Cuba ainda era uma colônia espanhola, vindo a ter sua independência declarada apenas em 1895.

Em relação aos livros didáticos cubanos, também detectamos, assim como nos uruguaios, citações à questão da febre amarela no Brasil. Na época, a doença afligia diversos países americanos, especialmente aqueles com clima tropical, como era o caso do Brasil e de Cuba. Além disso, o intenso fluxo de pessoas nos portos também era um fator que condicionava a doença, e Havana (junto com o Rio de Janeiro) era o principal destino do tráfico atlântico de pessoas escravizadas, além de ter uma posição estratégica nas rotas marítimas que conectavam a metrópole (Espanha) às demais colônias americanas (Elias, apud Sousa, 2022). Não à toa, Havana sofria com epidemias de febre amarela, e teve um papel estratégico nas investigações científicas sobre a doença no século XIX, servindo como um dos principais centros de observação da doença (Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos, 2021).

Essa preocupação com a febre amarela se traduz para os livros didáticos cubanos analisados. Vemos, por exemplo, na obra “Curso Elemental de Geografía”, de 1884, por Justo P. Parrilla, a descrição do clima do continente americano citando o litoral brasileiro como um local endêmico da doença (Figura 24).

Figura 24 – Recorte da página 75 do livro “Curso Elemental de Geografía”, de 1884, de autoria de Justo P. Parrilla



Nota: Acervo da Biblioteca Nacional de Cuba José Martí.

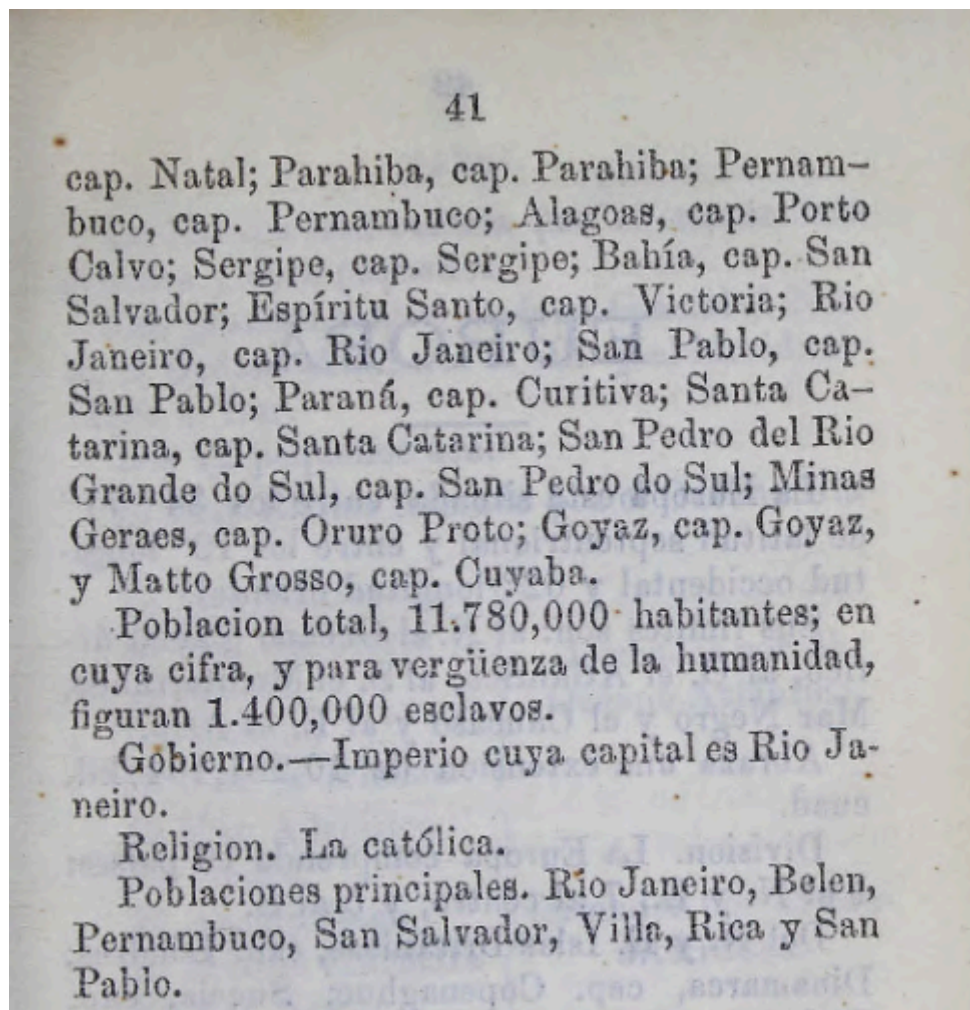
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Adailza Martins de Albuquerque (recorte elaborado pelo autor).

Outro exemplo é a obra “Elementos de Geografía Universal”, de 1863, por Rafael Sixto Casado, que também em um tópico sobre clima, dessa vez abordando especificamente o brasileiro, afirma que o Brasil “comienza á mostrarse la fiebre amarilla.” (Casado, 1863, p. 77).

Além da febre amarela, outra questão política e econômica bastante relevante tanto para Brasil como para Cuba no século XIX era o sistema escravocrata. Ambos países foram os últimos defensores da escravidão na última parte do século XIX, indo na contramão do que se observava no restante da América: “Cuba e Brasil devotaram considerável esforço para preservar a viabilidade e defender a legitimidade do tráfico e da escravidão diante da pressão britânica, sendo assim, os dois últimos lugares a abolirem a escravidão nas Américas” (Elias, apud Sousa, 2022).

Nesse sentido, percebemos a completa ausência de citações ou críticas ao sistema escravocrata brasileiro nos livros cubanos, ao contrário do que se observa nos livros mexicanos. Na obra mexicana “Nociones de geografía” (1879) Manuel Cervantes Imaz afirma que a quantidade de escravos no Brasil é uma vergonha para humanidade, como vemos na Figura 25. No México a abolição da escravidão foi decretada em 1829, um dos primeiros países americanos a fazê-lo.

Figura 25 – Recorte da página 41 do livro “Nociones de geografia”, de 1879, de autoria de Manuel Cervantes Imaz



Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional do México (recorte elaborado pelo autor).

7. Conclusão

Os livros didáticos latino-americanos do século XIX nos revelam uma outra história para o estado/província de São Paulo. Uma história que parte de sua gênese nos criminosos, desterrados e judeus foragidos de Portugal, que não só participaram da fundação das primeiras vilas paulistas, como deram origem aos bandeirantes. Estes que, por sua vez, de heróicos tinham quase nada, sendo na verdade lembrados como a terrível associação criminosa “Mamelucos y Paulistas”. E de maneira geral, apresenta-se uma São Paulo caracterizada por pouca relevância no cenário brasileiro no século XIX, à margem dos centros mais civilizados. Grosso modo, essa é a narrativa latino-americana sobre o estado/província de São Paulo observada nos resultados obtidos nessa pesquisa.

A pesquisa nos mostrou e nos reafirmou o papel dos livros didáticos como propagadores de determinadas formas de compreender e explicar o mundo e o próprio País para além do cumprimento da sua função primordial: a educação (Pinto, 2009, p. 1). Interesses políticos, econômicos, sociais, ou até pessoais dos autores estão inevitavelmente presentes nas obras. E se no Brasil aprendemos nas escolas uma história diferente daquela documentada nos livros didáticos dos nossos vizinhos latino-americanos no século XIX, isso se dá em consequência de a onde, quando e por quem esses livros foram publicados.

A realização dessa análise tornou evidente como a concepção da transposição didática (Chevallard, 1991) mostra-se insuficiente para compreender a construção dos conteúdos documentados nos livros didáticos de Geografia, e conseqüentemente, para compreender a História da Geografia Escolar. Isto porque apenas através de uma análise sócio-histórica crítica pudemos alcançar interpretações razoáveis para a constituição dos conteúdos presentes nas obras.

Quanto à finalidade da Geografia escolar, a partir da busca por esta no espaço e tempo proposto, acreditamos ter contribuído para uma compreensão da constituição e disseminação de conhecimento na sociedade da época, desenvolvendo o entendimento coletivo sobre o passado e suas repercussões na contemporaneidade.

Além disso, acreditamos que, sob a perspectiva única da cultura escolar materializada, a análise realizada contribuiu para uma compreensão mais completa das relações socioespaciais presentes na formação do estado/província de São Paulo, e ainda, para a compreensão das relações e influências que moldaram a sociedade na América Latina do século XIX, um momento de importantes transformações para a consolidação dos estados nacionais. Essa perspectiva sujeitou nossa pesquisa à discussão de diversos temas, tanto no

âmbito da história escolar, como da geopolítica, cultura, economia, política e história, fomentando uma visão mais completa e crítica do período.

Evidentemente não conseguimos através da presente pesquisa mostrar todas as finalidades reais da disciplina escolar Geografia na América Latina do século XIX. Porém, ao investigar essas finalidades no que diz respeito ao Brasil e a São Paulo, foi possível identificar algumas das contribuições da Geografia escolar latino-americana para a construção da ideia de Brasil e de São Paulo que fizeram parte significativa da cultura escolar latino-americana, ideias que em alguns casos se transformaram em elementos da cultura geral desses países e que se reproduzem até hoje. Esperamos assim fomentar a reflexão para a compreensão do sentido que o ensino de Geografia assumiu na América Latina, através de seu papel cultural, nacional e científico em cada país, oferecendo novas perspectivas para reflexões e futuras pesquisas sobre a História da Geografia escolar latino-americana, tema ainda pouco estudado.

Por fim, vale dizer que esta foi uma pesquisa inovadora no campo, pois ao recorrermos a livros didáticos de Geografia publicados em países da América Latina, fortalecemos o projeto de internacionalização da pesquisa no Brasil e, mais especificamente na USP levando em consideração as relações Sul-Sul, ainda pouco valorizada nos estudos acerca da Geografia Escolar.

Referências bibliográficas

ACKERMANN, R.. **Catecismo de Geografia, con un mapa mundi**. 4. ed. Londres: Strand, 1827.

ALBUQUERQUE, M. A. M. de. **Livros didáticos regionais: uma contribuição para a história da disciplina escolar geografia**. In: ENCONTRO NORTE E NORDESTE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1.; ENCONTRO CEARENSE DE HISTORIADORES DA EDUCAÇÃO, 5., 20-23 jun. 2006, Guaramiranga (Ce). Anais... Guaramiranga (Ce): Edições UFC, 2006. p. 153-164.

ALBUQUERQUE, M. A. M. de. A autoria de livro didático de Geografia em Pernambuco no século XIX: uma relação entre a legislação e a elaboração. **Terra Livre**. Ano 24, V. 2, nº 31. Dourados, jul./dez, 2008. pp. 163 - 171.

ALBUQUERQUE, M. A. M. de. **A Geografia do Brasil nos livros didáticos europeus do século XIX**: o caso de “Lições de Geographia” de Abbade Gaultier. In: CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim; KULESZA, Wojciech Andrzej. A escola e a igreja nas ruas da cidade. João Pessoa: UFPB, 2010. pp. 173 - 189.

ALBUQUERQUE, M. A. M. de. Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: REGO et al.. (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011. pp. 13 - 30.

ALBUQUERQUE, M. A. M. de. **Um debate acerca da origem da Geografia Escolar no Brasil**. In: Anais do III Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico e I Encontro Nacional de Geografia Histórica. Rio de Janeiro, 2012. pp. 1 - 15.

ALBUQUERQUE, M. A. M. de. Um debate acerca da origem da Geografia Escolar no Brasil. **Interfaces Científicas - Educação**, 2(2), 13–23. 2014.
<https://doi.org/10.17564/2316-3828.2014v2n2p13-23>.

ALBUQUERQUE, M. A. M. de. A tradução do livro didático Lições de Geografia pelo Abade Gaultier no contexto de expansão da cultura francesa. **Revista OKARA: Geografia em debate**, v. 10, n. 2, p. 257-272, 2016. João Pessoa, PB, DGEOC/CCEN/UFPB – <http://www.okara.ufpb.br>.

ALBUQUERQUE, M. A. M. de. Relatório de Pesquisa - **A emergência de conteúdos de Geografia acerca do Brasil nos livros didáticos que circularam no século XIX na França, em Portugal e no Brasil**: Lições de Geographia, pelo Abbade Gaultier. Lisboa: UL, 2017.

ANGELO, M. D. L. **Livros didáticos de Geografia e seus autores: uma análise contextualizada das décadas de 1870 a 1910, no Brasil**. Dissertação de mestrado defendida no PPGG - UFPB. João Pessoa: UFPB, 2014.

ANGELO, M. D. L. **A Geografia das províncias/estados do Brasil nas escolas primárias e seus livros didáticos entre as décadas de 1860 e 1920**: situando o caso de Pernambuco. Tese de doutorado defendida no PPGG - UFPB. João Pessoa: UFPB, 2022.

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. Madrid: Akal, 1986.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. História. Arquidiocese de São Paulo, [2025?]. Disponível em: <https://arquisp.org.br/historia/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

BACELLAR, C. de A. P. Uso e mau uso dos arquivos. In: _____. PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23-79.

BÁRCENA, D. J. M. R. **Catecismo Elemental de Geografía Universal com notícias recentes e uma carta de México**. 4. ed. México: Eugenio Mailléfert, Editor, 1869.

BARROS, N. F. **Os livros didáticos de Geografia e o pensamento racista brasileiro na formulação da identidade nacional durante a Primeira República**. Dissertação de mestrado defendida no PPGG – UFPB. João Pessoa: UFPB, 2022.

BERRA, D. F. A. **Elementos de Geografía de la República Oriental del Uruguay**. 11. ed. Montevideo: Librería y Papelería de el Madrileño, 1877.

BIAZOTI, André Ruoppolo. **Engajamento político na agricultura urbana: a potência de agir nas hortas comunitárias de São Paulo**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aplicada) - Ecologia de Agroecossistemas, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2019. doi:10.11606/D.91.2020.tde-09032020-170856. Acesso em: 2025-07-16.

BIBLIOTECA DEL CONGRESO NACIONAL DE CHILE. José Victorino Lastarria Santander. **Historia Política Legislativa del Congreso Nacional de Chile**, [2024?]. Disponível em: https://www.bcn.cl/historiapolitica/resenas_parlamentarias/wiki/Jos%C3%A9_Victorino_Lastarria_Santander. Acesso em: 23 jun. 2025.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BITTENCOURT, C. M. F. **Livro didático e saber escolar (1810 – 1910)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994, p.176-182.

BOLIGIAN, L. **A cartografia nos livros didáticos e programas oficiais no período de 1824 a 2002: contribuições para a história da Geografia escolar no Brasil**. Tese de doutorado defendida no PPGG – UNESP. Rio Claro: UNESP, 2010.

BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento da população do Império do Brasil em 1872**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1874. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv0001287.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos demográficos: recenseamentos do Brasil – 1872 a 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6348.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2025.

CABRAL, T. M. **História da Geografia escolar no período Vargas (1930-1945)**: discurso escolar moderno e identidade territorial a partir das temáticas físico-naturais. Tese de doutorado defendida no PPGG – UNICAMP. Campinas: UNICAMP, 2022.

CARVALHO, Mário César. Bandeirantes tinham origem judaica. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 5 set. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0509200416.htm> . Acesso em: 19 jul. 2025.

CASADO, R. S. **Elementos de Geografia Universal**. s.ed. Habana: Vila y Hermano Imprenta "La Proteccion", 1863.

CHAVES, Cleide de Lima. Epidemias e quarentenas no Brasil e no Rio da Prata no século XIX. **Estudios Históricos** – CDHRPyB, Montevideu, año V, n. 11, dez. 2013. ISSN 1688-5317.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, R. **Práticas de leitura**. São Paulo: Liberdade, 1996.

CHARTIER, R. **A aventura do livro – do leitor ao navegador**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, nº 2. 1990. pp. 177 - 229.

CHEVALLARD, Y. La Transposition Didactique. **Grenoble: La Pensée sauvage**, 1991.

CHOPPIN, A. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. Tradução: Maria Helena C. Bastos. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 27 p. 9-75, Jan/Abr 2009.

CÓRES, F. V. **Jeografía de Sudamérica con nociones de Historia de todos y cada uno de sus países**. 2. ed. Montevideo: Libreria la Tribuna Popular, 1888.

CÓRES, F. V. **Jeografía Razonada de 2º Grado – escrita extritamente al Programa de las escolas - Tomo Primero**. s.ed. Montevideo: Imprenta de Et. Laurak-Bat, 1886.

COSSON, A. **Curso Gradual de Geografía Astronómica, Física, Política, Descriptiva é Histórica**. 12. ed. Buenos Aires: Libreria Rivadavia de G. Mendesky, 1894.

COSSON, A. **Curso Gradual de Geografía Astronómica, Física, Política, Descriptiva é Histórica**. 9. ed. Buenos Aires: Libreria Rivadavia de G. Mendesky, 1887.

COSSON, A. **Elementos de Geografía Física y Política**. s.ed. Buenos Aires: Libreria Rivadavia, 1877.

COSSON, A. **Pequeña geografia para uso de las escuelas primarias**. 5. ed. Buenos Aires: Libreria Rivadavia de G. Mendesky, 1887.

CUBAS, A. G. **Curso Elemental de Geografía Universal**. 2. ed. México: Imprenta de la V. É Hiros de Murgia, 1876.

DE-MARIA, D. I. **Geografía Física y Política de la República O. del Uruguay**. 2. ed. Montevideo: Imprenta y encuadernacion de Rius y Becchi, 1881.

DEL GÁUDIO, R. S.; BRAGA, R. B. A GEOGRAFIA, A EDUCAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA IDEOLOGIA NACIONAL. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 28, p. 177–196, 2015. DOI: 10.62516/terra_livre.2007.229. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/229>. Acesso em: 25 jul. 2025.

DIAS, A. M. L. **A Revista do Ensino e a Geografia Escolar (1932 – 1942): inovações educacionais na Paraíba**. Tese [Doutorado em Geografia] – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2021.

D.J. A J. **Lecciones de Geografía extractada de las que escribio en frances El abate Gaultier**. 3. ed. Habana: Imprenta Fraternal, 1849.

ELIAS, Alice. Abolição da escravidão em Cuba. **Hoje na História**, 07 out. 2022. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/38892>. Acesso em: 24 jul. 2025.

ERRÁZURIZ, V. R.; ALVARADO, P. L. José Victorino Lastarria: astronomía científica, literaria y social. **Dynamis: Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam**, v. 39, n. 1, p. 123-147, 2019.

ESCOLANO, A B. Sobre la construcción histórica de la manualística en España. **Revista Educación y Pedagogía**. Medellín: Facultad de Educación. Vol. XIII, No. 29-30, (enero-septiembre), 2001.

FALBEL, N. Sobre a presença dos cristãos-novos na Capitania de São Vicente e a formação da etnia paulista. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 41, p. 112–119, 1999. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i41p112-119. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/28440>.. Acesso em: 18 jul. 2025.

FERREIRA, J. A. de S. **Os exercícios nos livros didáticos de Geografia destinados ao ensino primário no Brasil: uma discussão metodológica (1880 – 1930)**. Tese de doutorado defendida no PPGE – UFPB. João Pessoa, UFPB, 2017.

F. F. **Compendio de Geografía Universal**. s.ed. Guatemala: Imprenta de Luna, 1862.

FONTELA, J. A. **Geografía Universal de la república**. s.ed. Montevideo: Liceu Uruguayo, 1885.

GALVÃO, A. M. de O.; BATISTA, A. A. G. Manuais escolares e pesquisa em História. In: VEIGA, Cyntia Greive; FONSECA, Thais Nívia de Lima. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GARZA, J. S. **Nueva Geografía Metódica, traducida de varios autores y arreglada al Atlas de M. M. Meissas y Michelot**. s.ed. México: Tip. De M. Murguia, 1861.

- GIESBRECHT, R. M. **EFN - Estrada de Ferro do Norte**. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/trens_sp_2/efnorte.htm. Acesso em: 9 jul. 2025.
- GONDRA, J. G. (org.) **Dos arquivos à escrita da história: educação brasileira entre o Império e a República**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- GOODSON, I. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. In: **Revista Teoria e Educação**, nº 2, 1990.
- GUERRINI, F. **Nociones de Geografía**. 4. ed. Buenos Aires: Libreria del colegio, 1892.
- GUIM, J. B. **Compendio elemental de Geografía Universal**. s.ed. México: Librería de CH. Bouret, 1886.
- GUIM, J. B. **Compendio elemental de Geografía Universal**. s.ed. México: Librería de CH. Bouret, 1898.
- IMAZ, M. C. **Nociones de Geografía**. s.ed. México: Imprenta de J. M. Aguilar Ortiz, 1879.
- IMBERNÓ, J. **Catecismo Geográfico**. s.ed. Sem dados: Sem dados, 1844.
- LA SOTA, D. J. M. de. **Catecismo Geográfico – Politico é Histórico de la Republica del Uruguay**. s.ed. Montevideo: Imprenta Uruguyaná, 1850.
- LASTARRIA, J. V. **Recuerdos literarios**. Santiago: Imprenta de la República, 1878.
- LASTARRIA, J. V. **Lecciones de Jeografía Moderna**. 2. ed. Santiago: Imprenta y Litografía de M. Rivadenvra, 1840.
- LASTARRIA, J. V. **Lecciones de Jeografía Moderna**. 4. ed. Valparaiso: Libreria del Mercurio, 1846.
- Lecciones de Geografía astronómica, física y política**. s.ed. Habana: Imprenta de D. Pedro Palmer y Hijo, 1826.
- LOSADA, J. C. **Breves Tratados de Esfera y Geografía Universal**. 2. ed. Madrid: Oficina de Arazoza y Soler, 1817.
- MACÍAS, J. M. **Ampliaciones al texto 'Geografía de Asa Smith'**. 2. ed. Habana: Imp. La Habana, 1859.
- MAGALHÃES, J. **O mural do tempo – manuais escolares em Portugal**. Lisboa: Edições Colibri, 2011.
- MAGALHÃES, J. Um apontamento para a história do manual escolar: entre a produção e a representação. In: CASTRO, Rui Vieira de et al. **Manuais escolares: estatuto, funções, história**. I Encontro Internacional sobre Manuais Escolares. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia: Universidade do Minho, 1999.

MAIA, E. **A Geografia Escolar na Província de Minas Gerais no período de 1854 a 1889**. Tese de doutorado defendida no PPGE/FaE – UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MELLO, G. H. de. A modernização de Santos no século XIX: mudanças espaciais e da sociabilidade urbana no centro velho. **Cadernos CERU**, São Paulo, Brasil, n. 18, p. 107–131, 2007.

MORAES, A. C. R. Notas sobre identidade nacional e institucionalização da Geografia no Brasil. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, p. 166-176, 1991.

MORAES, A. C. R. **Bases da formação territorial do Brasil**: O território colonial brasileiro no longo séc. São Paulo: Hucitec, 2000.

MUNAKATA, K. O livro como mercadoria. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3 (69), p. 51-66. set./dez. 2012.

PARRILLA, J. P. **Curso Elemental de Geografia**. s.ed. Habana: La Propaganda Literaria, 1884.

PEREIRA, D. C. **Movimento Escola Nova e Geografia Moderna escolar em manuais para o ensino secundário brasileiro (1905-1941)**. Tese de doutorado defendida no PPGG – UNESP. Rio Claro: UNESP, 2019.

PINTO, Paula Alexandra Aguiar. **O ensino primário e seus valores em Portugal, de 1807 até 1928, através dos manuais escolares**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação – Área de especialização em Educação e Leitura) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa, 2009.

PRADO JR, C. **Fatores Geográficos na Formação e no Desenvolvimento da Cidade de São Paulo**. A Evolução Política do Brasil, Editora Brasiliense, 1957, p. 98-115

RAMÍREZ, F. J. **Nociones sobre geografía astronómica**. s.ed. Guadalajara: Tipo. De C. Moya, 1883.

RAMÍREZ RIVERA, H. R. E.. Compendio geográfico escrito por el doctor don Juan Pablo Fretes, Racionero de la Yglesia Cathedral de Santiago de Chile, para uso de la juventud americana. **Revista de Geografía Norte Grande**. no. 17, 1990, páginas 75-83. Disponível em: <https://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/628/w3-article-660556.html> . Acesso em 23/06/2025.

RENDON, J. A. T. **Pequena memória da plantação e cultura do chá**. In. Coleção das três principais memórias sobre a plantação, cultura e fabrico do chá. São Paulo, p. 47-48. Tipografia Liberal, 1851.

REVISTA HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE – MANGUINHOS. O papel de Havana na busca pelo germe causador da febre amarela no século 19. **Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, 22 jul. 2021. Disponível em: <https://revistahcsm.coc.fiocruz.br/o-papel-de-havana-na-busca-pelo-germe-causador-da-febre-amarela-no-seculo-19/>. Acesso em: 24 jul. 2025.

ROMERO, E. **Geografía elemental para uso de las escuelas primaria**. 1. ed. Montevideo: Imprenta à Vapor de la Paz, 1873.

ROURE Y BOFILL, D. C. E. **Elementos de Geografía**. s.ed. Habana: Imprenta "La Antilla", 1862.

SALAS, P. Eugenio. **Los comienzos de la enseñanza de la geografía en Chile**. Santiago de Chile: Imprenta Universitaria, 1947.

SELLÉS, Carmen Luna. **Semblanza de Francisco Vázquez Cores** (Ferrol, A Coruña, 1848 – Montevideo, 1914). 2018. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/francisco-vazquez-cores-ferrol-1848-montevideo-1914-semblanza931383/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “Apresentação”. In: GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SMITH, A. **Lecciones de Geografía para los niños y niñas de primeras letras ó sea Introducción á los Elementos de Geografía**. 1. ed. Buenos Aires: Imprenta de Pablo E. Coni, Editor, 1877.

SOARES, A. L. G.; MELO, M. L. S. Modelos construtivos do Brasil colonial: o caso da Vila Nossa Senhora da Conceição Itamaracá - PE. In: **Anais Eletrônicos do IV Colóquio de História “Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade”**. Luiz C. L. Marques e Newton D. A. Cabral (Orgs.). Recife, 16 a 19 de outubro de 2010. p. xx-yy. ISSN: 2176-9060. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Col-p.448.pdf>. Acesso em 05/07/2025.

SOLDAN, M. F. P. **Lecciones de Geografía para las Escuelas Comunes**. s.ed. Buenos Aires: Felix Lajouane, Editor, 1885.

TONELLI, Nicélio César. As relações internacionais entre o Brasil e o Chile: a rearticulação de uma amizade sul-americana (1889-1930). **Multitemas**, [S. l.], 2016. DOI: 10.20435/multi.v0i0.1355. Disponível em: <https://multitemasucdb.emnuvens.com.br/multitemas/article/view/1355>. Acesso em: 23 jul. 2025.

TORNERO, J. S. **Manual de Jeografía**. 17. ed. Santiago: Librería del Mercurio, 1884.

TORNERO, J. S. **Manual de Jeografía**. 21. ed. Valparaíso: Librería del Mercurio de Tornero Hermanos, 1890.

TORNERO, J. S. **Manual de Jeografía**. 3. ed. Valparaíso: Imprenta e Librería del Mercurio de S Tornero e hijos, 1864.

VALDEMARIN, V. T. **História dos Métodos e Materiais de Ensino**: a escola nova e seus modos de uso. São Paulo: Cortez, 2010.

VEIGA, Edison. Bandeirantes: o mito e a história. **BBC News Brasil**, 20 jun. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53116270>. Acesso em: 20 jul. 2025.

VIDAL, D. G.; SILVA, V. L. G. da. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. In. CASTRO, César A. **Cultura Material Escolar: a escola e seus artefatos** (MA, SP, PR, SC, e RS, 1870 – 1925). São Luís: EDUFAMA: Café & Lapes, 2º ed, 2013.

VIDAL, D. G. História da Educação como Arqueologia: cultura material escolar e escolarização. In. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 251-272, jan./abr. 2017.

VILARDAGA, J. C. As controvertidas minas de São Paulo (1550–1650). **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 29, n. 51, p. 795–815, dez. 2013.
DOI: 10.1590/S0104-87752013000300008.

YEVES, C.; CORREA, A. **Nociones de Geografía Universal**. 2. ed. México: Gallegos Hermanos Libreros Editores, 1892.